

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Breno Castro Santos Goytacazes

O MEZ DA GRIPPE E A CRÍTICA AO DISCURSO JORNALÍSTICO

Juiz de Fora

2024

Breno Castro Santos Goytacazes

O MEZ DA GRIPPE E A CRÍTICA AO DISCURSO JORNALÍSTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Castro Santos Goytacazes, Breno.
O mez da gripe e a crítica ao discurso jornalístico / Breno Castro Santos Goytacazes. -- 2024.
64 p. : il.

Orientador: Wedencley Alves Santana
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2024.

1. Jornalismo. 2. Análise de Discurso. 3. Valêncio Xavier. I. Alves Santana, Wedencley , orient. II. Título.

Breno Castro Santos Goytacazes

O mez da gripe e a crítica ao discurso jornalístico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em 01 de outubro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. João Paulo Carrera Malerba
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Nathalie Reis Itaboraí
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho a todos que estavam na
mesa daquele dia quente na casa de dois
andares.

AGRADECIMENTOS

Longos anos se foram para a chegada deste trabalho.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Alessandra Castro Santos e Ubajara Ribeiro Goytacazes. Mãe, você nunca deixou de acreditar em mim, nada disso seria possível sem você. Pai, você me ensinou a sempre encarar a vida com otimismo. Não sei o que seria de mim sem vocês.

À minha companheira, Beatriz Bramusse. O seu amor me faz querer ser um homem melhor todos os dias.

À minha grande mentora, carinhosamente apelidada de chefita. Sem você, eu estaria bem perdido nessa coisa chamada vida.

Aos meus irmãos dessa estranha cidade, Josuan Vicenzi, João Silvério, Guilherme Duque, Daniel Meotte, Pedro Emerenciano, João Paulo e João Gabriel Paulsen por anos e mais anos de amizade e bebedeiras.

Ao meu irmão de outras eras, Thauan Pacheco. Estamos nessa caminhada há muito tempo, meu camarada.

Ao meu orientador, Wedencley Alves Santana, por ter topado a loucura que foi esse trabalho. Obrigado pelas conversas filosóficas e direcionamentos.

Aos professores da Faculdade de Comunicação da UFJF.

Agora sei: a narrativa é um acontecer verbal, exigindo portanto que um agente o formule; o papel do narrador, ser enigmático, é misterioso e variado; a ficção contemporânea vem eliminando as interdições que embaraçavam o seu mediador e que, rigorosas, tentavam impor ao universo do romance, intactas, as leis do mundo físico. (Lins, 2005, p. 72).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a crítica ao discurso jornalístico presente no livro *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier. Para isso, utilizamos como metodologia a Análise do Discurso, uma vez que seus conceitos possibilitam uma melhor exploração do livro em questão. Após o desenvolvimento desses conceitos, o discurso jornalístico é apresentado e analisado, assim como o desenvolvimento histórico da atividade jornalística. Essa análise é central, pois evidencia a preocupação do discurso jornalístico com o efeito de verdade. Posteriormente, três elementos do livro de Xavier, relacionados com o discurso jornalístico, são selecionados para a análise. Na conclusão, retomamos os principais elementos da análise, destacando como o discurso jornalístico é confrontado na obra e retrabalhado, criando uma completa desestabilização do efeito de verdade.

Palavras-chave: Jornalismo; Análise do Discurso; Valêncio Xavier.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the critique of journalistic discourse present in the book *O mez da gripe* by Valêncio Xavier. To achieve this, we used Discourse Analysis as our methodology, since its concepts enable us to better explore the book in question. After developing these concepts, journalistic discourse is presented and analyzed, along with the historical development of journalistic activity. This analysis is central, as it highlights journalistic discourse's concern with the effect of truth. Subsequently, three elements of Xavier's book, related to journalistic discourse, are selected for analysis. In the conclusion, we return to the main elements of the analysis, highlighting how the journalistic discourse is confronted in the work and reworked, creating a complete destabilization of the truth effect.

Keywords: Journalism; Discourse Analysis; Valêncio Xavier.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: A primeira aparição do Commercio do Paraná na obra	34
Figura 2: O Diário da Tarde e a censura	35
Figura 3: Página oficial do Diário da Tarde	36
Figura 4: A gripe e seus efeitos	37
Figura 5: A negação do Commercio	37
Figura 6: A gripe e seus efeitos continuam	38
Figura 7: O poema do Diário da Tarde	39
Figura 8: O fim da censura?	39
Figura 9: A justificativa do Diário	40
Figura 10: Um aviso?	41
Figura 11: Notícia do hospício 1	43
Figura 12: Notícia do hospício 2	44
Figura 13: Continuação hospício 2	44
Figura 14: Primeira estrofe	48
Figura 15: O homem aparece novamente	53
Figura 16: O final	54
Figura 17: O casal no depoimento	56
Figura 18: Uma estranha coincidência	57
Figura 19: As três mulheres	58
Figura 20: Missa 1	59
Figura 21: Missa 2	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 TEMATIZAÇÃO	14
2.1 O AUTOR	14
2.2 A OBRA	16
3 DISPOSITIVO TEÓRICO-ANALÍTICO	18
3.1 ANÁLISE DO DISCURSO	18
3.2 LÍNGUA E DISCURSO	20
3.3 SUJEITO E IDEOLOGIA	21
3.4 MEMÓRIA DISCURSIVA, HISTÓRIA E HISTORICIDADE	24
3.5 FUNÇÃO AUTORIA E LEITOR	25
4 ANÁLISES	28
4.1 JORNALISMO E DISCURSO JORNALÍSTICO	28
4.2 OS JORNAIS OPOSTOS	33
4.3 POESIA E PERVERSÃO	47
4.4 UM FALSO DEPOIMENTO?	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS.....	64

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos vivemos uma pandemia de Covid-19. Essa pandemia foi objeto de diferentes interpretações nos meios de comunicação e na sociedade em geral, trazendo à tona importantes discussões sobre *fake news*, desinformação, ideologia e verdade. No início do século passado, mais precisamente no ano de 1918, o Brasil também vivenciou, como outros países, uma pandemia do vírus influenza, que ficou conhecido como gripe espanhola. Tensões entre diferentes discursos sobre esse grave problema de saúde pública foram registradas em arquivos. Assim, os jornais da época em Curitiba se tornaram o pano de fundo de um romance experimental de Valêncio Xavier, que acabou contribuindo para colocar em discussão a noção de verdade tão cara ao jornalismo.

O mez da gripe, de Valêncio Xavier, é um corpo estranho na literatura brasileira. Composto por colagens e fragmentos, o livro não possui narrador, nem, pode-se dizer, personagens apresentados tradicionalmente. Tudo é fragmentário, porém, nesse recorte de itens variados, está uma narrativa de grandes proporções, que constitui três meses da epidemia de gripe espanhola em Curitiba e região no ano de 1918.

Analisar um livro desses é um desafio, pois os elementos que o compõem são excessivos, podendo, ou não, ter algum significado mais profundo na narrativa. Muitas questões em aberto aparecem para o leitor e cabe a ele tentar fechá-las, o que faz com que o leque de interpretações se abra. Além disso, é necessário reforçar toda a carga histórica presente nesse objeto. Estamos em 2024, analisando um livro publicado em 1981 que se volta para o ano de 1918. Muitos são os significados que emergem desse livro, criando, portanto, uma série de reflexões que implicam na atividade jornalística hoje, assim como no próprio fazer literário e no papel do autor dentro de um contexto histórico-social amplo.

Um livro carregado de tamanha vastidão literária possibilita, consequentemente, uma série de possibilidades analíticas. Como o livro se utiliza bastante de elementos jornalísticos, decidimos construir a análise a partir desse ponto. A saber, como *O mez da gripe* critica a estrutura do discurso jornalístico, mais precisamente, sua noção de realidade.

Nesse sentido, a metodologia utilizada é a Análise do Discurso, desenvolvida por Michel Pêcheux e trazida para o Brasil por Eni P. Orlandi. Ao desenvolver alguns conceitos-chave dessa disciplina, percebi a aproximação com alguns elementos do livro de Valêncio Xavier, o que logo motivou a abordagem escolhida no desenvolvimento desse trabalho, um pensar sobre *O mez da gripe* com a Análise de Discurso. Assim, o trabalho é composto por três tópicos principais: tematização, dispositivo teórico-analítico e análises.

A tematização apresenta o contexto histórico da produção de *O mez da gripe*, abordando a prevalência do naturalismo na literatura brasileira. Além disso, também é apresentado o *Nouveau Roman* e sua influência no caráter experimental das obras de Valêncio Xavier. *O mez da gripe* é apresentado em termos gerais, seus elementos constituintes são nomeados, assim como a problematização entre verdade e mentira, potência desenvolvida por Valêncio Xavier e elemento central desse trabalho.

O dispositivo teórico-analítico apresenta a Análise do Discurso e desenvolve alguns conceitos fundamentais dessa disciplina, como a noção de sujeito e ideologia, assim como memória discursiva e função autoria. Esse desenvolvimento é central para as análises, uma vez que esses conceitos serão diluídos nelas, deixando em evidência a aproximação da Análise do Discurso com *O mez da gripe*.

Por fim, as análises estão em dois grupos. Como o objetivo desse trabalho é mostrar a crítica ao discurso jornalístico presente no livro de Valêncio Xavier, faz-se necessário desenvolver e analisar esse discurso. Quanto aos elementos do livro, três foram selecionados para serem analisados: os jornais opostos, o poema do estuprador e o depoimento de Dona Lúcia. Os três são fundamentais para a crítica do discurso jornalístico, uma vez que eles impossibilitam a noção de verdade na narrativa, atuando como problematizadores dela.

2. TEMATIZAÇÃO

Nesta seção, são apresentados o autor e a obra que serão analisados. A predominância da estética naturalista no Brasil será abordada, assim como a influência de vanguardas na produção de Valêncio Xavier. A obra é comentada, deixando em evidência seus principais elementos.

2.1 O AUTOR

Valêncio Xavier Niculitcheff nasceu em São Paulo em 21 de março de 1933. Mudou-se para Curitiba na década de 1950, lugar onde permaneceu até a sua morte, em 2008. Sobre a sua formação, Xavier estudou apenas dois anos na Escola de Belas Artes em Curitiba. Mesmo sem ter se formado em algum curso superior, atuou em variados campos profissionais, desempenhando diferentes funções, como escritor, jornalista, historiador de cinema, cineasta, fotógrafo, cenógrafo, artista gráfico, assistente de direção artística, produtor, roteirista e diretor de curtas-metragens de vídeos e de televisão.

A carreira literária de Valêncio Xavier teve início em 1963, com a publicação do conto “Acidentes de trabalho” e durou até 2006, com *Rrememбранças da menina de rua morta nua* sendo seu último livro, um período de quarenta e três anos dedicados à atividade artística. *O mez da gripe*, narrativa analisada neste trabalho, foi publicado em 1981, diferenciando-se do restante dos livros nacionais publicados neste período.

Durante o século XX, a cena literária brasileira era composta, majoritariamente, por livros de cunho naturalista, corrente estética que deriva do realismo, porém objetiva a representação detalhada e científica da realidade, negando elementos imaginários como, por exemplo, um dragão, além de privilegiar uma escrita “realista”, que representa a realidade como ela é. Sússekkind (1984) analisa essa prevalência do naturalismo como ideologia estética da literatura brasileira, traçando suas raízes e desenvolvimento no Brasil. Ao apontar a prevalência da estética naturalista em três romances brasileiros de épocas diferentes, *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, *Cacau* (1933), de Jorge Amado e *Infância dos Mortos* (1977), de José Louzeiro, Sússekkind (1984, p. 37) é enfática ao afirmar que

Os três romances parecem apontar para um significado que se situa fora deles, num contexto extraliterário. Negam-se enquanto ficção, enquanto linguagem, para ressaltar o seu caráter de documento, de espelho e fotografias do Brasil. Do leitor exigem que os leia como se não se tratasse de ficção. Não é à-toa que uma norma do Direito Criminal serve de epígrafe a Aluísio Azevedo, e que *Infância dos Mortos* se atribui veracidade fazendo uso da alusão a uma

notícia de jornal cheia de estatísticas. Quando um romance tenta ocultar sua própria ficcionalidade em prol de uma maior referencialidade, talvez os seus grandes modelos estejam efetivamente na ciência e na informação jornalística, via de regra consideradas paradigmas da objetividade e da veracidade.

Ou seja, o naturalismo se distancia dos elementos literários e utiliza a ficção para retratar a “verdade”, como se o objetivo da arte fosse ser uma espécie de espelho do mundo real que nega os elementos puramente ficcionais, aproximando-se de um documento ou de uma reportagem jornalística.

Ainda sobre a predominância da estética naturalista na literatura brasileira, Sússekind (1984) mostra o exemplo de Machado de Assis, autor que, segundo alguns críticos, desobedeceu aos limites de sua nacionalidade ao absorver elementos estrangeiros na construção de sua obra, como o debochado humor inglês, tão presente em autores como Charles Dickens e Laurence Sterne.

Por procurarem outros meios de elaborar suas obras, Machado e tantos outros escritores sofreram com a expectativa imposta aos escritores brasileiros, a expectativa de que suas obras sirvam como documentos sérios da realidade brasileira, como se esse fosse o único horizonte possível para o escritor nacional, o seu suprasumo estético nacionalista. Há nessa expectativa uma espécie de imposição, algo semelhante a angústia da influência, no caso, uma angústia de ter que seguir o mesmo caminho de seus pares passados, presentes e, ao que tudo indica, futuros, toda uma linha de produção de autores naturalistas preocupados em retratar o seu país de maneira mais verdadeira possível. A literatura é transformada em documento sociológico.

Este é o cenário da produção de Valêncio Xavier, um escritor que se formou em um país com a predominância da estética naturalista.

Se olharmos para este fenômeno pela lente da Análise do Discurso, podemos dizer que não é possível simplesmente apagar todo esse contexto sócio-histórico, pois ele está profundamente impregnado nas instituições, na memória discursiva deste país. O naturalismo é um discurso forte, tão forte que influencia diretamente os escritores, até mesmo na negação, ou seja, quando a proposta de determinado escritor é contrária aos princípios da estética naturalista. Esse é o caso de Xavier, autor de obras que se abrem para o experimentalismo estético, possibilitando todo um jogo composicional de discursos divergentes ao naturalista, mas que nem por isso extinguem a influência dessa estética vigente em território nacional. *O mez da gripe* é um livro que deixa essa “mistura” de discursos em evidência, utilizando-se de um discurso como o jornalístico para brincar com suas estruturas, alterando-o e causando ressignificações.

Neste cenário sócio-histórico de formação do sujeito autor, variados são os discursos em questão, ocasionando todo um amontoado de influências. Veremos que a função-autor é, dentre as dimensões do sujeito, a mais determinada pela exterioridade, sendo, portanto, profundamente afetada pelas exigências de coerência, não-contradição, de regras textuais e tantas outras. Por se tratar de um homem de letras, um escritor, o autor Valêncio Xavier não está imune a essas exigências. Também ele está ao lado de Machado de Assis e outros escritores que negaram a predominância do naturalismo, mas esse ato de negação é, em si, um ato de influência, uma vez que é através da negação que outros horizontes se abrem para esses autores organizarem discursos novos e divergentes.

Dentre esses horizontes, as vanguardas francesas do século XX são fundamentais para o discurso de ruptura presente na obra de Xavier, influenciando na construção da sua própria linguagem literária (Neves, 2006). Como influência direta no campo literário, está o movimento do *Nouveau Roman*, desenvolvido por autores como Alain Robbe-Grillet. Esse movimento fugia das estruturas convencionais da literatura, buscando, assim, novos métodos que possibilitassem diferentes abordagens no fazer literário. Importante ressaltar que o *Nouveau Roman* não se configura como uma escola literária. Segundo Alain Robbe-Grillet (1969, p. 8),

Se em muitas páginas emprego conscientemente o termo *Novo Romance*, não o faço com o intuito de designar uma escola, nem mesmo um grupo definido e constituído por escritores que trabalhariam num mesmo sentido; trata-se apenas de um rótulo cômodo que engloba todos aqueles que procuram novas formas de romance, capazes de exprimir (ou de criar) novas relações entre o homem e o mundo.

Nesse sentido, a obra de Valêncio Xavier é uma busca constante por novas maneiras de contar histórias, valendo-se de diferentes elementos e da atualização de temas tradicionais para criar suas narrativas.

2.2 A OBRA

O mez da gripe é uma obra estranha. Não há blocos de texto em suas páginas, os personagens não são trabalhados de maneira usual, nem a trama apresenta os conflitos e desenvolvimentos da literatura convencional.

O livro é composto principalmente por recortes de jornais. Dentre os jornais mais utilizados, estão os curitibanos *Diário da Tarde* e *Commercio do Paraná*. As edições utilizadas são do ano de 1918, compreendendo os meses de outubro, novembro e dezembro. As notícias possuem um certo padrão, abordando, majoritariamente, dois fatos importantes da época: a

epidemia de gripe espanhola (que já assolava o país e começava seu regime de terror em Curitiba e região) e a Primeira Guerra Mundial.

Além disso, outros elementos também são recorrentes na narrativa, como o depoimento de Dona Lúcia de 1975/1976, uma sobrevivente da epidemia. Na lógica da narrativa, Dona Lúcia aparece como uma das personagens, entretanto, tudo o que sabemos dela está em seu depoimento, não há um narrador que fornece informações e constrói o seu perfil para o leitor. Outro personagem é o poeta estuprador, que constrói o seu discurso no poema cujas estrofes aparecem ao longo da narrativa. Assim como a personagem de Dona Lúcia, não sabemos muito sobre ele, apenas o conhecemos através de seu poema. Até há uma imagem que supostamente o identificaria, porém isso é problematizado.

Também fazem parte do livro anúncios de jornal com produtos da época, fotografias antigas da cidade de Curitiba, gravuras em bico de pena, símbolos religiosos, desenhos e outros poemas desconexos. Esses elementos são jogados nas páginas, criando todo um mosaico daquela época, mais precisamente, um mosaico de Curitiba da década de 1910.

Como citamos anteriormente, a obra se passa ao longo de três meses: outubro, novembro e dezembro. Esses meses configuram os capítulos da narrativa. Conforme as páginas são passadas, os dias mudam, até que o mês acaba e o capítulo muda.

Todos esses elementos criam um senso de verdade, como se tudo aquilo fosse real. A reprodução de notícias, anúncios de jornais e imagens da cidade contribuem para tal efeito. Entretanto, o que se apresenta é uma grande colagem, cuidadosamente montada pelo autor. Prova disso são dois dos elementos fundamentais para este trabalho, o depoimento e o poema, configurarem como objetos completamente criados pelo autor. Além disso, os dois jornais, que são outro elemento fundamental, nunca são apresentados em sua totalidade, sendo, portanto, recortados e selecionados em prol da montagem narrativa. Esse é um dos motivos que fazem a obra tão singular, esse jogo entre verdade e mentira, realidade e montagem.

3. DISPOSITIVO TEÓRICO-ANALÍTICO

Nesta seção, é apresentada a metodologia empregada na análise. A Análise do Discurso (AD) e alguns conceitos fundamentais para o trabalho são desenvolvidos, como, por exemplo, a formação discursiva, fundamental para entender a ruptura de Xavier com o naturalismo.

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso (AD) é a base teórico-conceitual deste trabalho. Essa área de estudos surgiu na França, na década de 1960, e foi fundada por Michel Pêcheux. Ele e seus colaboradores colocaram em xeque a metodologia da Análise de Conteúdo, empregada pelas Ciências Sociais, que até hoje é definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que se utiliza de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, ou seja, uma tentativa de “compreender o que um texto comunica”.

Pêcheux (1997) critica essa posição, defendendo que, ao analisar um texto, é necessário ir além do que ele está dizendo, mostrando como ele funciona em sua produção de efeitos de sentido. Ao tratar a língua como materialidade do discurso, Pêcheux também questiona como a Linguística trabalha com a linguagem, ignorando por completo a história e a atuação das condições de produção na língua. Assim, para Pêcheux o exterior à língua não é apenas uma adição, mas sim um constitutivo dela, visto que a língua não é uma estrutura fechada em si mesma.

A Análise do Discurso surge num terreno de disputas, marcada pelo Marxismo, que dá pouca atenção à linguagem; pela Psicanálise, que exclui a ideologia; e pela Linguística, que não considera a História e as condições de produção. Como ciência de entremeio, ela acaba agindo nas lacunas promovendo assim um outro caminho para o pensamento crítico (Pêcheux, [1975] /1997).

Segundo a professora e pesquisadora Eni P. Orlandi (2015, p. 18),

se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise.

Portanto, a AD foi criada tendo como base três diferentes áreas do conhecimento, mas sem se filiar integralmente a qualquer uma delas. Pelo contrário, seu desenvolvimento se dá através de questionamentos e insuficiências detectadas em cada uma delas.

Orlandi é enfática ao afirmar que a Análise do Discurso se estabelece como uma disciplina que está no entremeio da Linguística e das Ciências Sociais (Orlandi, 1996). Por se constituir nesse entremeio, ela não pode ser uma disciplina positiva, uma vez que ela não apenas acumula conhecimentos, mas discute seus pressupostos. Além disso, ao tratar de uma disciplina de entremeio, é necessário esclarecer o seu não caráter interdisciplinar, já que a Análise do Discurso não se forma utilizando as ferramentas da Linguística e das Ciências Sociais, mas sim através de suas contradições. Disciplinas interdisciplinares são entendidas como disciplinas auxiliares, que acrescentam algo, o que não acontece com a Análise do Discurso. Segundo Orlandi (1996, p. 25)

Eu diria, antes, que a AD é uma espécie de antidisciplina, uma desdisciplina, que vai colocar questões da linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga do mesmo modo que coloca questões para as ciências sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam.

Ainda segundo Orlandi (ibidem, p. 18), ao trabalhar na confluência dessas áreas do conhecimento, a Análise do Discurso rompe suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto, o discurso. Assim, a AD fica entre a Linguística e as Ciências Sociais, mas não as complementa, questiona-as e deixa em evidência que não há separação entre linguagem e mundo exterior. Enquanto a Linguística pensa na língua como uma estrutura fechada, sem qualquer exterioridade, e as Ciências Sociais deixam a linguagem jogada no esquecimento, a Análise do Discurso trabalha com essas “faltas”, focando nas condições de produção dos discursos.

Pelo seu objeto ser o discurso, o foco da Análise do Discurso não está no texto, que é entendido como unidade que permite ter acesso ao discurso. Nesse sentido, os textos não são analisados formalmente, como, por exemplo, em uma disciplina de literatura. Eles são analisados com o objetivo de entender como significam, uma vez que é no texto em que o discurso se materializa. Por isso, ao analisarmos aspectos da narrativa de *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier, não pretendemos seguir uma análise literária, preocupada com a linguagem da obra. Isso não significa que alguns elementos literários não serão abordados, pois estamos tratando de um objeto literário, mas o foco não é esse. O objetivo deste trabalho é compreender como um discurso jornalístico é retrabalhado na obra, transformado, através do meio, em outra

materialidade discursiva, com outros significados e outras intenções, produzindo, assim, novos sentidos. Dessa forma, não vamos nos ater a analisar a estrutura do texto literário em questão, pois o tomaremos apenas como um pressuposto para entender o discurso nele materializado.

3.2 LÍNGUA E DISCURSO

Como exposto anteriormente, a Análise do Discurso se diferencia da Linguística e das Ciências Sociais, pois, enquanto a língua é o objeto de estudo da Linguística e o social é o objeto das Ciências Sociais, a Análise do Discurso considera a língua e o social o seu objeto de estudos, atribuindo novos sentidos a eles. Mas o que é o discurso?

O discurso, para a Análise do Discurso, configura-se como um “objeto social cuja especificidade está em que sua materialidade é linguística” (Orlandi, 1996, p. 27). Ao pensar nas implicações dessa definição, percebe-se a diferenciação entre o discurso e o processo comunicacional básico, uma vez que o último, na sua elaboração, é apresentado em uma lógica de emissor, receptor, código, referente e mensagem. As separações estão bem demarcadas e o processo é feito em partes, linear, no qual o emissor transmite a mensagem para o receptor, ao passo que a mensagem é feita em códigos que referem a um certo elemento da realidade. A Análise do Discurso antecipa as críticas que agora são comuns a esse modelo.

O processo discursivo não é apenas transmissão (Orlandi, 2015), também não é pautado nessa lógica produtiva e linear. A língua não é só mais um código entre outros e não existe a separação entre emissor e receptor, muito menos esse processo “comportado” em que um fala e o outro escuta e decodifica a mensagem para, só então, responder. Os locutores realizam o processo de significação ao mesmo tempo, não existindo qualquer separação entre eles. A “destruição” do processo comunicacional básico nos permite pensar as complexidades presentes no processo discursivo, uma vez que a transmissão de informação deixa de ser o objetivo central, pois o funcionamento da linguagem e, conseqüentemente, do processo discursivo, é mais complexo. Ao abordar essa complexidade do processo discursivo, Orlandi afirma:

No funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí

a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (Orlandi, 2015, p.19)

Quando elaborou a definição do discurso como efeito de sentidos entre locutores (originalmente “entre um ponto A e um ponto B”), Pêcheux (1997) foi enfático ao dizer que não é suficiente os locutores falarem a mesma língua e se comunicarem através de um espaço que possibilite a circulação de mensagens sem interferências. Assim, cada locutor estará inserido em determinadas formações ideológicas e compreenderá as mensagens a partir delas, podendo estar alinhada com a intenção original do emissor dela ou não.

3.3 SUJEITO E IDEOLOGIA

A Análise do Discurso, ao trabalhar com os processos de constituição, formulação e circulação do discurso, necessita também pensar o sujeito e, conseqüentemente, sua ideologia, uma vez que não existe discurso sem sujeito e nenhum sujeito que não seja afetado pela ideologia, “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Pêcheux, 1975, *apud*: Orlandi, 2015, p. 15). A relação língua-discurso-ideologia fica em evidência, uma vez que a materialidade própria da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua. Portanto, a condição de possibilidade do sujeito do discurso é a sua relação com a linguagem e a história, mas a ideologia também possui um papel central nessa constituição, já que é ela que condiciona a interpretação dos sentidos da relação entre o sujeito, a língua e a história. Ao fazer isso, a ideologia direciona o sentido e, conseqüentemente, determina a posição do sujeito em determinada conjuntura social. A ideologia então é central, dado que a constituição do sujeito e os sentidos por ele produzidos partem dela.

É de fundamental importância entender que a Análise do Discurso não concebe o sujeito do discurso como um sujeito empírico, em outras palavras, o indivíduo em si, mas, sim, constituído no encontro do Simbólico, como um ser da linguagem, com o Político, como um ser da História e da Ideologia. Tudo isso levando em consideração processos de interpelação e identificação, muitas vezes inconsciente.

Para o filósofo francês Louis Althusser, a grande referência marxista da Análise do Discurso, a ideologia transforma os indivíduos em sujeitos através da interpelação. Althusser, no livro “Aparelhos Ideológicos de Estado”, explica o funcionamento do processo ideológico, que se dá na seguinte lógica: acontece a interpelação dos indivíduos como sujeitos; depois sua

submissão ao Sujeito (entendido aqui como ideologia dominante); posteriormente o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, além dos próprios sujeitos entre si e, por último, o reconhecimento do sujeito por ele mesmo; finalmente, a garantia máxima de que tudo está bem e que continuará bem, caso os sujeitos reconheçam o que eles são e sigam a lógica desse reconhecimento (Althusser, 1980). Ainda segundo Althusser,

O indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito, portanto para que aceite (livremente) a sua sujeição, portanto para que realize sozinho os gestos e os atos da sua sujeição. Só existem sujeitos para e pela sua sujeição. É por isso que andam sozinhos (Althusser, 1980, p. 113)

Pêcheux complexifica esse processo. Para Althusser, a interpelação ideológica é absoluta, não dando brechas mesmo para os que se levantam contra ela. Esses “mau sujeitos” são assim pois foram, também, interpelados por ela, constituindo-se como sujeitos. Pêcheux acredita que a interpelação não chega a se realizar em absoluto, “mas sempre através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e nas transformações das relações de produção” (Pêcheux, 1997, p. 167).

Pêcheux ressignifica a noção de ideologia ao considerar a linguagem, complexificando o processo, além de quebrar uma noção de totalidade presente em Althusser. Não há sentido sem interpretação, o que mostra a presença da ideologia. Como exposto anteriormente, Pêcheux considera o discurso como efeito de sentidos produzidos entre locutores. Assim, o discurso apenas é através dos diferentes sentidos que os sujeitos de determinado enunciado são capazes de produzir e compreender, segundo as formações discursivas em que estão inseridos. Portanto, o sentido de um discurso é variável, sempre podendo ser outro que não original, já que o sujeito autor não possui qualquer controle sobre o que nele está comunicando (Orlandi, 1996).

Formação discursiva é definida por Orlandi como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2015, p. 41). Quando pensamos em Valêncio Xavier, por exemplo, enquanto sujeito do discurso, vemos como ele é um mau sujeito da ideologia naturalista, justamente por estar em uma formação discursiva “antinaturalista”. Ele é atravessado por outros discursos literários, como do *Nouveau Roman*. Nesse sentido, ele é interpelado pelo naturalismo, mas se revolta e, conseqüentemente, rejeita-o, o que, como

mostrado, não é uma possibilidade em Althusser, mas em Pêcheux, pois, como a interpelação não é absoluta, o sujeito pode se identificar ou não

O sujeito sempre enuncia a partir de uma ou mais formações discursivas. As palavras, por si só, não possuem sentido, elas passam a ter seus sentidos através das formações discursivas em que estão inseridas. E são as formações discursivas que evidenciam, no discurso, as formações ideológicas, deixando em evidência o fato dos sentidos serem determinados ideologicamente. Tudo que é dito possui algum rastro ideológico e é assim que a ideologia produz seus efeitos, materializando-se não nas palavras em si, mas no discurso.

Para Pêcheux (1997) os sujeitos acreditam ser a origem dos discursos, quando na verdade são por ele interpelados e com eles se identificam. O sujeito não é a origem do que diz e essa ilusão de transparência existe por causa do efeito da ideologia. Segundo Orlandi (2015, p. 46),

O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade. Por seu lado, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido-lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão da transparência da linguagem. No entanto nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.

Pelo fato de o sujeito do discurso ser ideológico e inconsciente, ele é afetado pelos esquecimentos, no caso, o esquecimento nº1 e o esquecimento nº2, o que evidencia o fato de não sermos os fundadores dos discursos, uma vez que eles já estão em processo e somos nós que “invadimos” esse processo (Orlandi, 2015). De acordo com o esquecimento nº1, ou esquecimento ideológico, o sujeito acredita ser a origem do que diz, não levando em conta as formações discursivas na determinação de seu discurso. Esse esquecimento é inconsciente, já que o sujeito do discurso apaga de sua consciência sua constituição ideológica, levando-o a ter a ilusão de ser o criador de tudo o que fala. Já o esquecimento nº2 é semiconsciente, pois quando o sujeito do discurso fala, ele acredita que as palavras ditas só poderiam ser aquelas e não outras, ou seja, ele seleciona uma forma de dizer e apaga as outras, tendo assim a ilusão de que o que está produzindo tenha apenas um significado.

Percebe-se como o sujeito do discurso, semiconsciente ou inconscientemente, apaga a origem dos sentidos produzidos por ele, toda a visibilidade da sua historicidade. Apesar disso, o esquecimento é estruturante, uma vez que ele é parte fundamental da constituição dos sujeitos

e sentidos. Para Orlandi (2015, p. 34) “os sujeitos ‘esquecem’ que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos.” Suas palavras passam a ter sentido através dessa significação de palavras já existentes, como se esses sujeitos fossem a origem de tudo isso. Quando pensamos em *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier, percebemos como esse processo é tão evidente na montagem da narrativa, dado que o próprio conteúdo é retirado de materiais já existentes, no caso, jornais do final da década de 1910. Novos sentidos são dados a esse material, alterando todo o significado para a formulação da obra.

3.4 MEMÓRIA DISCURSIVA, HISTÓRIA E HISTORICIDADE

Para a Análise do Discurso, o conceito de memória utilizado não é o da memória psicológica, mas sim o da memória discursiva. De acordo com Pêcheux (2007, p. 50) “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”.

Orlandi (1996) considera que há dois tipos de memória no discurso: a memória institucionalizada, também conhecida como arquivo; e a memória constitutiva, o interdiscurso. A primeira é entendida como a que fica materializada (arquivada) nos espaços por meio de materiais que constituem fontes para consultas. Já o interdiscurso é “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (Orlandi, 2015, p. 31), ou seja, tudo que já foi dito, esquecido e repetido. Assim, tudo o que foi dito sobre a gripe espanhola no Brasil está arquivado nas instituições da sociedade brasileira, como, por exemplo, em jornais antigos. Esse material foi selecionado pelo Valêncio Xavier e estampa as páginas da sua narrativa, explicitando como a memória discursiva é afetada pela ideologia.

Como exposto anteriormente, a Análise do Discurso não utiliza a memória psicológica, dada a sua característica cronológica. A memória discursiva, ao se constituir de historicidade de sentidos, representa o encaixe acertado, contrapondo-se aos eventos em ordem cronológica. O que aponta para o fato de que, para a Análise do Discurso, história e historicidade não estão relacionadas a evolução de fatos. Segundo Orlandi (2015, p. 66)

Quando falamos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a

historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como relação de causa-e-efeito.

Ou seja, para a Análise do Discurso, a história é considerada um acontecimento do discurso, mas isso não requer a existência de datas ou eventos históricos. O discurso é historicidade de sentidos, pois as suas condições de produção (sua exterioridade) são consideradas.

Orlandi também afirma que “não se parte da história para o texto – avatar da análise de conteúdo -, se parte do texto enquanto materialidade histórica. A temporalidade (na relação sujeito/sentido) é a temporalidade do texto” (1996, p. 55). Percebe-se que a questão não é sobre a presença da história em um determinado texto, mas sim da historicidade inserida no texto, a própria temporalidade interna desse texto, ou seja, a relação de um discurso textualizado com a exterioridade, levando em conta o seu sujeito, a ideologia e as formações discursivas que o penetram.

É nesse sentido que a historicidade do discurso sobre o jornalismo constrói o imaginário sobre o seu papel na sociedade. Imaginário entendido aqui como a imagem que os sujeitos fazem de si e dos outros em uma certa formação discursiva, em outras palavras, uma possível interpretação sobre determinado objeto social. Portanto, faz-se necessário analisar o imaginário sobre o papel do jornalismo presente no discurso materializado de teóricos da área, além do próprio material jornalístico utilizado para compor *O mez da gripe*, atentando para o fato desse material pertencer ao ano de 1918, contendo uma série de particularidades.

3.5 FUNÇÃO AUTORIA E LEITOR

Como exposto anteriormente, a historicidade é o acontecimento do texto como discurso. O texto não é definido pelo seu tamanho, podendo ter apenas uma letra, algumas frases, um livro inteiro, o que importa é significar dentro da discursividade. Segundo Orlandi (2015, p. 67),

O texto é texto porque significa. Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: linguístico-histórica.

Portanto, o texto não é apenas um dado linguístico, mas também um dado discursivo. Ele traz a memória para a consideração dos elementos que estão submetidos à análise. É graças

ao texto que podemos chegar à memória da língua (Orlandi, 2015). Assim, quando um estudo não aborda a textualidade, a relação com a memória da língua não é alcançada.

Para a Análise do Discurso, o texto serve como a unidade que lhe permite acessar o discurso. Com isso, o trabalho do analista do discurso é “percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto” (Orlandi, 2015, p. 70). Nesse sentido, o texto é um espaço signifiante, lugar no qual os sentidos são profundamente variados, evidenciando sua característica como objeto de interpretação.

Por se tratar de uma unidade composta por inúmeros sentidos, a relação entre sujeito e texto é de dispersão, o que não acontece com a noção de autor, caracterizada pela disciplina organizacional. O autor está para o texto tal como o sujeito está para o discurso. Ainda segundo Orlandi (2015, p. 71)

(...) o discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade. No entanto, ele funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação. Para isso, diríamos, há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor. O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude.

Portanto, podemos dizer que a autoria é uma função do sujeito, função essa que serve para ordenar a dispersão do discurso, sua incompletude. O autor é o responsável por agrupar o discurso, fornecendo coerência.

Existem divergências quanto ao princípio de autoria para Foucault e Orlandi. O pensador francês desconsidera a necessidade de um autor para alguns discursos, como conversas, receitas, decretos, entre outros. Para Orlandi, mesmo que um texto não tenha um autor específico, imputa-se uma autoria a ele graças a função-autor, pois, segundo ela, a unidade do texto é efeito discursivo derivado deste princípio (2015), determinando uma abrangência muito maior em relação a noção foucaultiana.

Um livro, por exemplo, é composto por uma série de discursos. Esses discursos são dispostos segundo uma ordem estabelecida pelo autor e passam a fazer parte da sua obra, ganhando outros significados passíveis de inúmeras interpretações. Por ser essa figura, o autor é altamente determinado pela exterioridade, seu contexto sócio-histórico, sendo afetado por exigências tal como coerência, responsabilidade na sociedade, entre outras, que servem para tornar o sujeito, na condição de autor, visível. Nessa função, o sujeito autor é atravessado pela exterioridade, a qual ele precisa se referir, como no caso das exigências, mas ele também possui

a sua interioridade, que possibilita a construção da sua identidade como autor. Esse trabalho entre exterioridade e interioridade é fundamental para que o sujeito assuma o seu papel de autor (2015).

A função-autor possui um polo correspondente, o leitor. Assim como o autor, o leitor também é afetado pela sua inserção no social e, conseqüentemente, na história. Cobra-se, por exemplo, um modo de leitura específico diante de determinado texto. Além disso, a identidade do leitor é configurada segundo o lugar social, responsável por definir sua leitura, também considerada sua responsabilidade. Obviamente, tudo isso é afetado conforme a forma histórica, o que também é válido para a autoria (Orlandi, 2015). Nesse sentido, um leitor dos dias de hoje é muito diferente de um leitor da época do Império Romano. A interpretação é diferente, assim como sua própria constituição como sujeito. Como antes discutido, basta a diferença dos lugares sociais para que a identidade do leitor seja alterada. Portanto, um sujeito que habita um país periférico não terá a mesma identidade de leitor de um sujeito que vive em um país considerado central, por exemplo.

4. ANÁLISES

Nesta seção, realizamos a análise do discurso jornalístico e posteriormente as análises dos elementos de *O mez da gripe*. Assim, os elementos críticos ao discurso jornalístico são evidenciados e confrontados com ele.

4. 1 JORNALISMO E DISCURSO JORNALÍSTICO

O jornalismo se desenvolveu com a modernidade, tendo estabelecido suas bases mais precisamente no período da Revolução Francesa, ou seja, século XVIII. Os jornais já eram presentes no século anterior, entretanto, é justamente a luta pelos direitos humanos, ocasionada pelo período da revolução, que fornece as ferramentas necessárias para o seu desenvolvimento em maior escala (Marcondes Filho, 2000).

Nesse sentido, a história do jornalismo se mistura com a história da modernidade. Ao passo que a modernidade econômica possibilitou o surgimento do empreendedor burguês, figura chave para o desenvolvimento da sociedade capitalista, a modernidade política engendrou a vitória das democracias republicanas contra o modelo do passado, o feudalismo encabeçado pelas monarquias absolutistas. É nesse terreno de mudanças propícias, na modernidade dos direitos sociais e humanos, que surge a figura do jornalista.

Assim, o jornalismo é a síntese dos valores da modernidade: a razão (entendida como verdade, transparência absoluta) levanta-se contra a tradição obscurantista que assolou os países europeus por tanto tempo. O questionamento de qualquer autoridade, junto com a crítica política e uma confiança inabalável na noção de progresso, ou seja, na evolução contínua da espécie humana.

Sobre a questão da verdade para o jornalismo, Marcondes Filho (2000, p. 10-11) é enfático quanto a sua “localização”:

a Revolução Francesa, símbolo da queda de regimes monárquicos e do poder aristocrático, foi também, ao mesmo tempo, a conquista do direito à informação. Além de decapitar nobres, tratava-se agora de abrir os diques de seus segredos. Assim, todo o saber acumulado e reservado aos sábios passa agora a circular de forma mais ou menos livre. E são os jornalistas que irão abastecer esse mercado; sua atividade será a de procurar, explorar, escavar, vasculhar, virar tudo de pernas para o ar, até mesmo profanar, no interesse da notícia. Surge daí uma prática eminentemente sua, o mito da transparência, filho direto da ideologia das Luzes.

A verdade, vista como um dos valores centrais do jornalismo, é chamada de mito da transparência, ou seja, uma crença que surgiu dessa busca incessante por mostrar o que nunca fora mostrado. Por se tratar de uma atividade que incorporou tão energicamente os valores da modernidade, o jornalismo foi profundamente impactado pelo que veio depois. O discurso humanista foi dilacerado com duas guerras mundiais, bombas atômicas, campos de concentração e outras catástrofes do século XX; o capitalismo se desenvolveu a tal ponto que começou a formar conglomerados de mídia; uma série de outros acontecimentos contrariaram os valores tão presentes no discurso revolucionário do século XVIII (Marcondes Filho, 2000). Entretanto, o jornalismo continuou.

Ainda segundo Marcondes Filho (2000), o jornalismo pode ser dividido em quatro fases históricas: o primeiro jornalismo, de 1789 até a metade do século XIX; o segundo jornalismo, da metade do século XIX até o início do século XX; o terceiro jornalismo, que dominou boa parte do século XX; e o quarto jornalismo, que surgiu no final do século XX e continua até os dias de hoje.

O primeiro jornalismo foi marcado pelas características mais presentes do período iluminista. Sua função era expor o obscurantismo com a luz da verdade, permitindo um melhor esclarecimento de questões políticas e ideológicas. A informação pertencia a algumas poucas instituições, detentoras do poder da comunicação. Portanto, durante o estabelecimento da burguesia como classe dominante, o ciclo da comunicação foi alterado, uma vez que a antiga ordem dominante foi completamente desestabilizada. Com a ascensão da classe burguesa, naquele momento inicial, tudo precisava ser exposto, ostensivamente mostrado. Os jornais dessa época eram de cunho político-literário, suas páginas eram preenchidas por ideias políticas e propagandas de políticos, com o objetivo de fomentar discussões entre os leitores, abordando características centrais de seus respectivos ideais, criando um ambiente permeado de variadas ideias, ampla exposição e debates. É nesse período que o jornal se profissionaliza e, consequentemente, surge a redação como um setor próprio e organizado, o que possibilitou uma maior autonomia redacional.

O segundo jornalismo é caracterizado pela transformação dos jornais em grandes empresas capitalistas graças as inovações tecnológicas surgidas na metade do século XIX. Essas inovações potencializaram os processos de produção dos jornais, mas o custo era elevado, exigindo dos jornais a capacidade financeira de autossustentação. Essa necessidade de pagamentos exorbitantes para a modernização das máquinas fez com que o jornalismo deixasse de ser uma atividade mais livre, que discutia ideias diversas e fazia política, para se transformar

em uma operação voltada para vender grandes quantidades visando o autofinanciamento. Esse jornalismo empresa teve seu início após 1830 na Inglaterra, França e Estados Unidos, consolidando-se em meados de 1875. A venda de espaços publicitários passa a ser prioridade (valor de troca), tendo em vista a necessidade de sustentação e sobrevivência econômica, ao passo que a parte da redação, da notícia, acaba perdendo o valor prioritário (valor de uso).

O desenvolvimento dos jornais em empresas acaba culminando no terceiro jornalismo, o de monopólios, que perpassou boa parte do século XX. Esses monopólios, muito bem estabelecidos, só poderiam ser ameaçados por fatores extremos, como guerras e governos totalitários, ambos presentes em abundância ao longo do século passado. Apesar disso, um ponto central para compreender o terceiro jornalismo é o desenvolvimento da indústria publicitária e de relações públicas, surgidas após a Grande Depressão estadunidense, que representam novas formas de comunicação e competem com o jornalismo, descaracterizando-o de vez no final do século XX.

Por fim, o quarto jornalismo, surgido no final do século XX e presente até os dias atuais. Considerado o jornalismo da era tecnológica, começou a tomar forma em meados dos anos 1970. Ele é caracterizado pelo aumento das novas formas de comunicação, apontadas no terceiro jornalismo, ocasionando a inflação de comunicados e de materiais de imprensa fornecidos aos jornais por assessorias de imprensa, misturando-se e confundindo-se com a informação jornalística. Além disso, a figura do jornalista é extremamente precarizada em prol da produção febril de conteúdo. Não é mais necessário sair às ruas atrás das matérias e de apurações, o conteúdo é selecionado por fontes tecnológicas que recolhem material de todos os cantos, simplificando o processo de produção da matéria. O jornalista deixa de ser uma figura especializada em determinadas editorias e se torna um “faz tudo”, transitando em várias áreas.

Essas fases deixam em evidência como o jornalismo mudou ao longo dos anos, além de corroborarem com o argumento de que jornalismo e modernidade estão profundamente conectados, sendo ele, como exposto anteriormente, uma síntese dos valores modernos. Sobre essa descaracterização potencializada ao longo do século XX, Marcondes Filho (2000, p. 15) é enfático ao dizer que

A transformação ou a descaracterização da atividade (alguns chamam mesmo de “decadência”) tem a ver com a crise da cultura ocidental: o jornalismo é a expressão física de um espírito. O pano de fundo dessas mudanças é o fim da modernidade, caracterizado pelo (novo) processo universal de desencanto (defecção do socialismo e das alternativas ao capitalismo), pela crise dos meta-relatos e de todos os sistemas gerais de explicação, pela falência dos processos teleológicos (esperança de um futuro melhor, a subordinação do

engajamento político a um projeto histórico) e – último mas não menos sério – o desaparecimento do “conceito de agonística geral”, isto é, da política como embate, competição, confrontação radical.

Ao identificar essa união entre jornalismo e modernidade, Marcondes Filho também aponta para a união entre jornalismo e capitalismo, evidenciando sua visão pessimista do fazer jornalístico. Esse pessimismo é fortemente criticado por Genro Filho (1989), que defende uma diferenciação entre a esfera jornalística e o capitalismo, pois, segundo ele, apesar da imprensa ter surgido e se modificado com o desenvolvimento do capitalismo, isso não significa que um é reflexo do outro, classificando essa posição como um marxismo diminuído e profundamente generalista.

Nesse sentido, Genro Filho identifica o jornalismo como uma atividade autônoma, dono de seus valores, mesmo sendo atravessado pela ideologia burguesa. Esse atravessamento não implica que o jornalismo é sinônimo do capitalismo. Existe sim a influência do fator econômico no jornalismo, entretanto, “o modo de produção capitalista não existe apenas para satisfazer os interesses particularistas da burguesia, mas também como um momento da história universal” (Genro Filho, 1989, p. 112). Assim, uma parte do jornalismo é permanente, contínua, ao passo que a outra se localiza na influência da ideologia burguesa, podendo ser destruída e alterada conforme o modo de produção vigente.

Ao apontar uma parte sólida do jornalismo, independente do modo de produção vigente, Genro Filho solidifica as bases para uma atividade autônoma, detentora de suas características próprias. O jornalismo é uma prática humana, advinda da necessidade de comunicação do homem. Ainda segundo Genro Filho (1989, p. 216)

São esses pressupostos, que compreendem a comunicação no interior da práxis, que nos permitem superar os enfoques a-históricos ou puramente ideológicos do jornalismo, concebendo-o enquanto estrutura de comunicação historicamente condicionada e forma social de conhecimento articulada à autoprodução histórica do homem. Tanto uma como outra, embora geradas no ventre do capitalismo, correspondem a necessidades e determinações bem mais duradouras e amplas do que o domínio burguês e seus interesses particulares de classe explorada.

Os autores divergem quanto a sua avaliação a respeito da história do jornalismo. Para Marcondes Filho, as fases históricas do jornalismo representam uma corrupção dos ideais iluministas presentes em sua fase inicial, que seria a essência de toda aquela atividade, incapaz de se sustentar conforme o desenvolvimento do capitalismo e a consequente perda dos valores

modernos. Para Genro Filho, por outro lado, a parte fundamental do jornalismo segue imutável desde o seu surgimento, sobrevivendo mesmo com a influência do capitalismo, uma vez que ela não depende do sistema para continuar existindo. No entanto, pode-se entrever, em ambas as perspectivas, a ideia de que o jornalismo possui algumas características essenciais que o definem enquanto jornalismo e não como qualquer outra coisa. É no rastro dessas características que podemos pensar o discurso jornalístico.

A atividade jornalística é caracterizada pelo relato de acontecimentos recentes, sendo esses relatos produzidos como notícias e postos em circulação ao longo do dia através dos diferentes veículos de informação. Esse processo configura a tentativa de organizar a realidade, filtrar o que possui o potencial de notícia e o que não possui, entregando uma parte dos acontecimentos supostamente relevantes para os “consumidores”, que, ao consumirem tal material, atualizam-se dos novos fatos do mundo.

Ao abordar as características e a história da atividade jornalística, passamos a ter uma noção de como o discurso jornalístico se constituiu e continua se constituindo. Desde o início do jornalismo como conhecemos, em meados do século XVIII, as bases deste discurso estão em constante solidificação. A noção do jornalismo como uma síntese dos valores da modernidade já aponta para a construção do discurso jornalístico, uma vez que estão postos os valores ideais do jornalismo e que, sendo feitos ou não, adentraram no imaginário de todos sobre essa atividade.

A questão da verdade é central para o desenvolvimento do discurso jornalístico, mesmo contendo uma série de problemáticas. Nenhum veículo de mídia afirma para o público que o seu conteúdo é falso. Tal atitude faria um jornal, por exemplo, perder toda a credibilidade. O jornalismo da primeira fase, como exposto por Marcondes Filho, caracterizou-se por fervorosos campos de disputas políticas, com amplos debates ocorrendo entre os jornais vigentes na época. Dificilmente um jornal disputaria esse embate político sem defender seus ideais como verdadeiros.

Com a industrialização do jornalismo, passou-se a buscar meios que reforçassem o jornalismo como um braço da verdade. A escrita, antes combativa, optou pela objetividade. Verdade e objetividade passaram a caminhar juntas, uma vez que a objetividade permitia a transmissão dos acontecimentos de maneira fidedigna. Outras técnicas começaram a ser exploradas, como a utilização de relatos para um maior efeito de verdade no que está sendo noticiado.

Apesar disso, entender a objetividade como um tipo de verdade na produção jornalística é um engano, uma vez que não é possível trabalhar uma objetividade pura. O jornalismo é feito

por diferentes pessoas e variados processos. Essa problematização sofre um apagamento, uma vez que a historicidade do discurso jornalístico aponta para a capacidade do jornalismo em organizar os fatos da realidade, informando as pessoas dos principais acontecimentos de forma verdadeira.

A defesa do jornalismo por Genro Filho está nessa capacidade, assim como a nostalgia de Marcondes Filho. O que não é o caso de *O mez da gripe*. A montagem do livro problematiza constantemente o discurso jornalístico, utilizando, em alguns pontos, o próprio discurso, como é o caso dos jornais opostos Diário da Tarde e Commercio do Paraná. Esse movimento evidencia a fragilidade do discurso jornalístico, pois é mostrado que ambos os jornais criam sua própria realidade em seus editoriais.

Vimos que não existe discurso sem sujeito e que todo sujeito é afetado pela ideologia. Essa própria condição do discurso está em oposição quando pensamos a questão da verdade no discurso jornalístico. Assim, ao analisar os elementos de *O mez da gripe*, buscamos evidenciar como a questão da verdade é constantemente esgotada na narrativa, criticando um elemento tão caro ao discurso jornalístico.

4.2 OS JORNAIS OPOSTOS

Para a análise dos elementos da narrativa de *O mez da gripe* que apontam para uma crítica do discurso jornalístico, optamos por começar pelos jornais que são recorrentes ao longo de todo o livro.

As páginas do livro são preenchidas por uma série de conteúdos, desde imagens da cidade de Curitiba do início do século XX, até propagandas de produtos como creolina. Apesar disso, alguns elementos surgem como fundamentais para a montagem da narrativa. Este é o caso dos jornais Diário da Tarde e Commercio do Paraná. Ambos os jornais aparecem em todos os três capítulos da narrativa, “1918 – Outubro - Alguma Coisa”, “1918 – Novembro – O mez da gripe” e “1918 – Dezembro – A última letra do alfabeto”, enchendo o livro com o conteúdo selecionado de suas páginas. Há nessas páginas uma espécie de “caos organizado”, uma vez que suas aparições não parecem seguir um padrão, com o conteúdo de ambos dividindo uma mesma página em alguns momentos. Também é difícil localizar o que é a página de um desses jornais e o que é outro conteúdo, o que faz o texto explodir de sentidos através destas inúmeras colagens.

O Diário da Tarde e o Commercio do Paraná são apresentados como jornais opostos. O primeiro busca noticiar os perigos da gripe espanhola, alertando a população dos males e óbitos

causados; já o segundo nega a existência da gripe espanhola, adotando um tom irônico em algumas páginas para se referir à gripe.

Figura 1 - A primeira aparição do Commercio do Paraná na obra



14

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 14)

A página do livro resume parte da postura do “Commercio do Paraná” em toda a obra, ou seja, a utilização da ironia para se referir a epidemia da gripe espanhola. Na imagem, é possível observar um poema satírico escrito em uma mistura de português com espanhol da autoria de Jeca Rabecão, pseudônimo de Ildefonso Serro Azul, popular cronista curitibano da época: A influenza espanhola/ Isso é tudo, o grande grito/ Não tem quase nada/ Não passa, coisa esquisita!/ De uma... grande espanholada. Além disso, a imagem é um exemplo da multiplicidade de conteúdos presente ao longo da narrativa, pois logo abaixo do poema nos

voz do autor, que sente a necessidade de registrar a censura presente naquela época. Além disso, ao observar a página original do Diário da Tarde, é possível verificar que a frase “Artigo sobre a gripe espanhola censurado no Diário da Tarde” não existe:

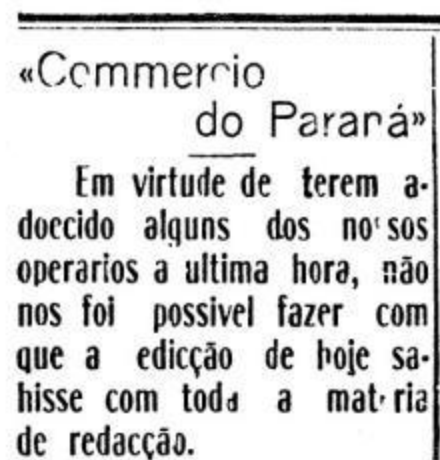
Figura 3 - Página original do Diário da Tarde



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Conforme a situação da epidemia se agravava, mais e mais pessoas eram afetadas, adoecendo e, conseqüentemente, ficando impossibilitadas de trabalharem. Há, nesse sentido, toda uma alteração da vida cotidiana, mostrada de maneira direta na narrativa como na figura abaixo:

Figura 4 - A gripe e seus efeitos



Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 21)

Ou seja, até mesmo o jornal que nega e ironiza a epidemia, acaba sofrendo os seus efeitos como se pode ver na imagem. Uma nota do Commercio do Paraná que justifica a edição incompleta devido ao adoecimento de alguns funcionários.

Algumas páginas depois, percebe-se o efeito da nota feita pelo Commercio do Paraná:

Figura 5 - A negação do Commercio

NÓS E A "INFLUENZA"
 A nossa edição de hontem saiu muito aquém da expectativa, devido a uma interrupção inesperada do trabalho em consequencia de terem adoecido operários da secção de composição, obrigando-nos assim ao sacrificio de materia redactorial cuja inserção foi absolutamente impossível.
 Esse facto suscitou hontem em certas rodas, commentarios ironicos em torno da nossa attitude em relação á epidemia da "gripe espanhola", dizendo-se abertamente que a molestia invadira a nossa tenda para obrigar-nos á uma formal retratação.
 Não obstante, continuamos firmes em nossa attitude pela razão de não ter sido de "gripe espanhola" verificado ainda um só caso n'esta capital, tratando-se de simples gripe, aliás commum na estação que atravessamos, os casos de doença existentes.

COMMERCIO DO PARANÁ

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 24)

Esse trecho reforça a atitude negacionista do Commercio do Paraná. A epidemia já existia em solo curitibano, fato mostrado pela censura no Diário da Tarde. Com isso, o que está em evidência é o alinhamento editorial do Commercio do Paraná com as autoridades da época, que preferiram não alertar a população sobre os perigos da gripe espanhola em um primeiro momento. Outro ponto central da imagem é o trecho "não obstante, continuamos firmes em nossa attitude pela razão", que será repetida mais algumas vezes ao longo da narrativa (páginas 39, 42 e 64), reforçando o absurdo presente na postura negacionista do jornal.

Outra nota similar à da figura 4 volta a aparecer na página 55:

Figura 6 - A gripe e seus efeitos continuam



Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 55)

“Por motivo de força maior, fomos hoje obrigados a transformar a paginação do nosso jornal, inserindo todos os annuncios nas 2º e 3ª paginas e publicando a materia editorial e de collaboração nas 1º e 4ª paginas./ Assim pedimos excusas aos nossos annunciantes acaso prejudicados com essa transformação que nos foi imposta por circumstancias imperiosas.” Assim como na figura 4, essa imagem mostra que, apesar da negação da epidemia, os efeitos dela são tão devastadores que afetaram diretamente a produção do Commercio do Paraná. A verdade está além do noticiado, ela escapa e se faz presente nas páginas de um jornal que a nega.

Enquanto o Commercio do Paraná segue a linha da negação e da ironia, vemos o Diário da Tarde buscar meios para burlar a censura, como na figura abaixo:

Figura 7 - O poema do Diário da Tarde

"A HESPAÑHOLA"
De manhã abro as gazetas
nenhuma nota – que bola!
Limpo e relimpo as lunetas
Nada, nada de hespanhola . .
A policia nos socorre
Toda noticia degola
–Aqui, de vez, ninguém morre,
Foi p'ro xadrez, a hespanhola.
 José da Gaita
 DT

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 25)

Este poema presente em uma das edições do Diário da Tarde aponta não só para a postura do Commercio do Paraná, mas para a censura geral. O trecho “de manhã abro as gazetas/ nenhuma nota – que bola!” é indicativo de que outros jornais, assim como o Diário, estavam impedidos de noticiarem a epidemia. Portanto, um grupo de jornais, representado no livro pelo Diário da Tarde, era impossibilitado de preencher suas páginas com esse assunto, negando, pelo silêncio imposto via censura, a realidade dos acontecimentos; enquanto um outro grupo, representado pelo Commercio do Paraná, escolheu, ao que tudo indica deliberadamente, negar e ironizar a realidade dos acontecimentos.

O Diário da Tarde continua buscando meios de noticiar a epidemia. O veículo aparece noticiando, por exemplo, a não circulação do Commercio do Paraná em um determinado dia e atribui ao adoecimento dos funcionários do jornal. Em um outro momento, vemos o jornal noticiando o fechamento das igrejas e comenta ser uma decisão da inspetoria de higiene. Até que este trecho aparece no livro:

Figura 8 - O fim da censura?

A GRIPPE
Embora a censura policial tivesse varrido do noticiário da imprensa a relação dos
fatos verificados, com relação à epidemia, o nosso dever profissional nos força a sair
do mutismo em que nos encontrávamos nesse sentido e vir dizer ao povo que todo
esse preparativo que se faz não é apenas para evitar que o mal chegue até nós, mas
sim para dar combate à enfermidade que já nos atingiu.
 DIÁRIO DA TARDE

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 33)

Seguido por este trecho algumas páginas depois:

Figura 9 - A justificativa do Diário



Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 39)

Na figura 8, percebe-se que o Diário da Tarde rompeu com a censura, optando por avisar as pessoas sobre a epidemia diretamente. Não se sabe muito bem o que aconteceu, mas, algumas páginas depois, vemos o trecho acima da figura 9.

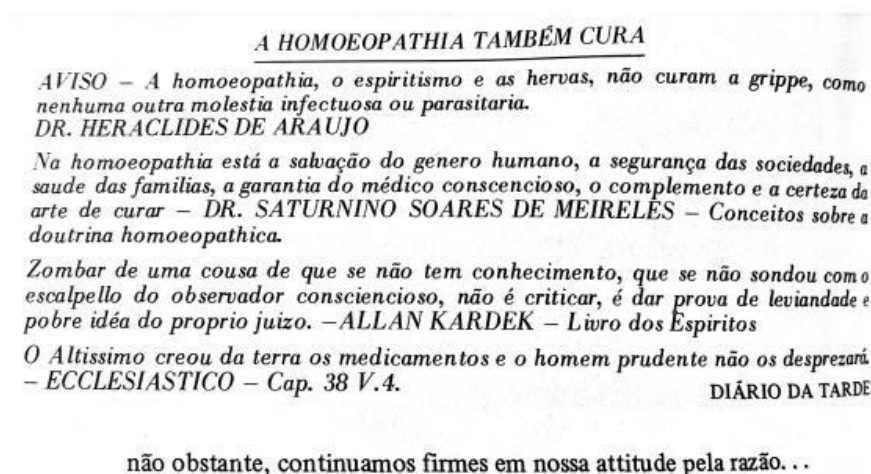
Esse trecho justifica a decisão de romper com a censura. Devido ao número de funcionários infectados pela gripe espanhola estar cada vez mais alto, o funcionamento do jornal estava consideravelmente afetado, assim como aconteceu com o Commercio do Paraná. Entretanto, as decisões de ambos os jornais são de espectros opostos, reforçando ainda mais o aspecto de oposição presente em todo o livro.

Na figura 9 existem outros elementos que nos ajudam a compreender melhor a situação. Este recorte do Diário da Tarde é do dia primeiro de novembro, mês em que a epidemia se agrava no livro. A frase “agora está mesmo morrendo muita gente” aparece em negrito, estabelecendo o senso de gravidade da situação. Logo em seguida está um trecho do relatório de Trajano Reis, diretor do serviço sanitário da época. No trecho está escrito que novembro foi um mês com elevado número de óbitos e contaminações, mês em que a epidemia se abateu sobre todos, abalando a vida de Curitiba e região. Por último, está a primeira das repetições da frase “não obstante, continuamos firmes em nossa attitude pela razão...”, retirada de um recorte do Commercio do Paraná, registrado na figura 5. A utilização desta frase é ambígua, podendo

indicar o compromisso do Diário da Tarde em noticiar a epidemia, ou a permanência da postura irônica e negacionista do Commercio do Paraná, mesmo com a situação agravada em novembro.

Na página 42 há uma imagem do Diário da Tarde que contradiz o discurso do próprio jornal representado ao longo da obra:

Figura 10 - Um aviso?



Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 42)

Essa é a primeira vez que um conteúdo duvidoso do Diário da Tarde é mostrado no livro. Não há um indicativo claro do que é esse trecho. Parece uma propaganda sobre a homeopatia contendo três citações que corroboram com o discurso dessa prática. Entretanto, logo no início está um aviso, tratando-se de outra citação, mas contra a eficácia da homeopatia no combate a gripe e outras doenças. Das três citações usadas para validar o discurso homeopático, duas estão no campo das doutrinas religiosas, sendo uma do “Livro dos Espíritos”, obra escrita por Allan Kardec, fundador do espiritismo kardecista; a outra pertence ao “Eclesiástico”, um dos livros do Antigo Testamento da Bíblia. Logo em seguida está outra repetição do trecho do Commercio do Paraná “não obstante, continuamos firmes em nossa attitude pela razão...”.

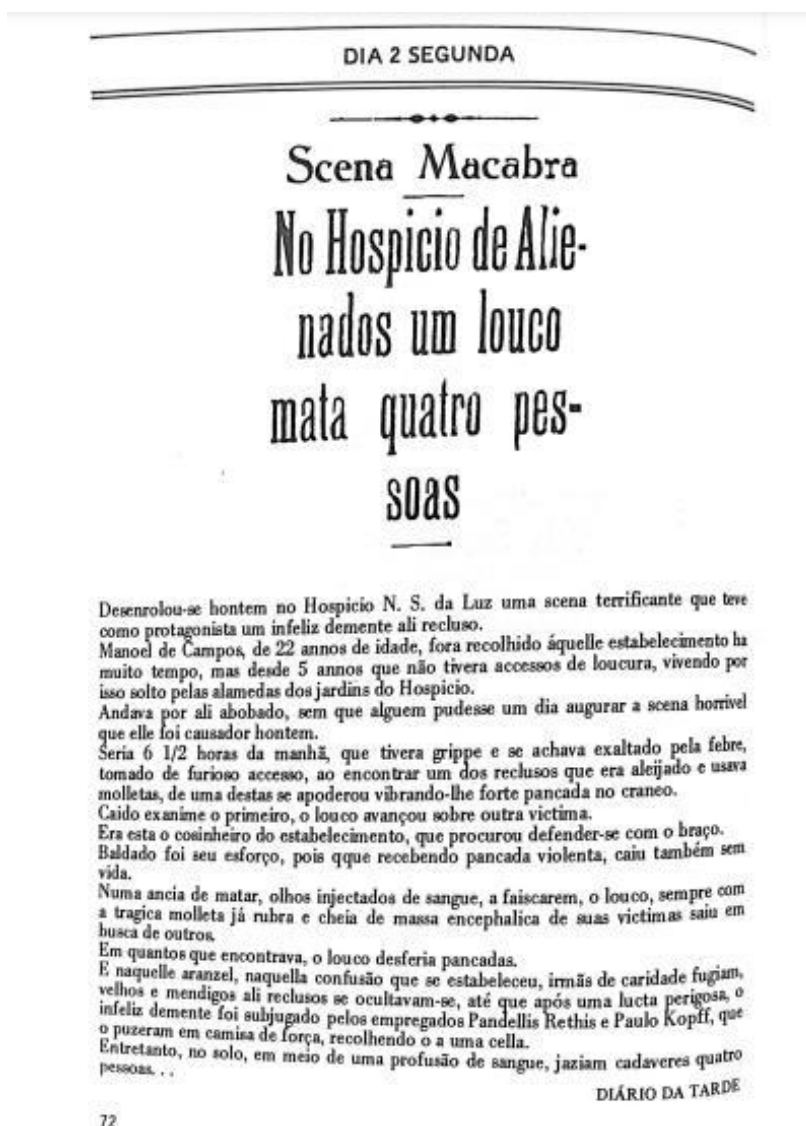
Como explicar uma propaganda promovendo a homeopatia em um jornal que se mostrava preocupado em alertar a população sobre os perigos da epidemia? Talvez não seja uma propaganda. O aviso está lá para alertar os leitores do perigo dessa prática em tempos tão sombrios. Apesar disso, o título está acima do aviso, reforçando a ideia da eficácia da homeopatia ao destacar que “A HOMOEOPATHIA TAMBÉM CURA”. O trecho retirado do Commercio do Paraná reforça a ideia de uma ambiguidade do Diário da Tarde, apresentado,

desde o início da narrativa, como opositor do negacionismo presente no *Commercio*. Nesse sentido, o *Diário da Tarde* nunca deixou de ser uma empresa que necessita de verba para continuar operando como um jornal. Portanto, vincular um anúncio sobre a eficácia da homeopatia se encaixa nessa lógica empresarial, mesmo contendo um aviso que aponta para a ineficácia de tal prática.

Nas páginas seguintes, o que existe é uma repetição do padrão estabelecido. O *Commercio do Paraná* segue com sua postura problemática e o *Diário da Tarde* continua alertando a população. O *Commercio*, impossibilitado de seguir com sua postura totalmente negacionista, reconhece a existência dos casos de gripe espanhola em Curitiba, entretanto, esses casos são diminuídos, tratados como eventos raros, como se o alto número de óbitos estivesse relacionado com outros tipos de doenças, sendo a gripe espanhola responsável por uma pequena parte. Além disso, o tratamento irônico continua, reforçando constantemente a ideia de exagero quanto aos males da epidemia.

A narrativa avança e o número de mortes começa a abaixar nos últimos dias de novembro. Fato confirmado tanto pelo *Commercio* quanto pelo *Diário*. O mês de dezembro chega e o leitor logo se depara com essa notícia:

Figura 11 - Notícia do hospício 1



72

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 72)

Que é seguida pela notícia da figura abaixo:

Figura 12 - Notícia do hospício 2

DIA 3 TERÇA

Uma tragedia no Hospício

Uma proeza macabra da "Hespanhola,,

Domingo foi nossa população cruelmente abalada com a noticia de que no Hospital de N. S. da Luz occorrera uma tectrita scena de sangue, da qual era protagonista um dos infelizes reclusos daquelle estabelecimento. No desejo de bem informar os nossos leitores, como o fazem todos os jornais verdadeiramente modernos, destacámos hontem um dos nossos companheiros para ir até aquelle estabelecimento, a fim de colher impressões sobre a horrorosa tragedia e ao mesmo tempo syndicar das circunstancias do caso, a ver se haveria razão em acreditar-se que o descalabro se dera por qualquer imprudencia, ou por relaxamento em tomar as necessarias precauções com os infelizes que habitam aquella casa sinistra.

Chegados que fomos á mansão dos irresponsaveis, já nos chamou a attenção o cantar monotonico de um doido, que naquella coisa entoada á guisa de canção está a mostrar o quanto a inconsciencia torna os irresponsaveis como que felizes immersos na noite negra da inconsciencia.

Pelo que ouvimos, podemos mais ou menos reconstruir a scena horrivel da seguinte forma:

O CRIMINOSO E SEUS ANTECEDENTES.

Chama-se Manoel de Campos o autor da horrorosa scena de sangue; conta cerca de 32 annos de idade. Foi recolhido ao asylo ha cerca de 5 annos, em 1913.

Apalermado, jamais teve elle occasião de manifestar indícios de loucura furiosa e quem o visitasse era até capaz de jurar que o desgraçado estava ali recolhido por excesso de zelo. Como todo o louco tem a sua mania, uns a mania de perseguição, outros a de grandezas, Manoel de Campos quando era interrogado por alguém relativamente á sua identidade, respondia que era "governador" do Estado, sendo portanto um delirio mais democratico, pois que o infeliz não se suppunha um rei ou imperador, nem mesmo um simples presidente da republica: contentava-se com ser Governador do Estado. . .

Ultimamente, com a invasão da peste hespanhola em nosso Estado, a enfermidade fez a sua entrada tambem no Hospício, sendo Manoel de Campos uma de suas victimas. Teve elle febre alta e todos os demais symptomas da terrivel enfermidade. Tratado, porém, com todo o carinho pelas religiosas daquelle estabelecimento, achava-se elle ultimamente em convalescença e sempre apalermado, ninguém suppunha que elle viesse a ter um accesso de loucura furiosa.

A SCENA DE SANGUE

Pela manhã a ronda foi fazer uma visita aos diversos departamentos da instituição, nada encontrando de anormal que chamasse a sua attenção. Então as irmãs preparavam-se para ir celebrar o sacrificio da missa, talvez tendo no co-

73

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 73)

Figura 13 - Continuação hospício 2

ração o desejo de levantar a Deus uma prece em favor dos infelizes recolhidos ao estabelecimento. Um grito lancinante foi ouvido, mas ninguém deu a elle attenção alguma, pois é natural que naquella casa se ouçam frequentemente gritos dos irresponsaveis. E todos estavam longe de imaginar que era o infeliz mendigo Paulo Bruquikoski que tombava mortalmente ferido por uma pancada desferida com uma tranca de madeira. Com a tranca toda ensanguentada e a moleta do mendigo ás mãos, Manoel tenta fugir e perseguido pelo epileptico Bento dos Santos, fere a este, felizmente não o matando porque Bento tivera a boa idéa de, por instincto de conservação, levar o braço a cabeça, recebendo os ferimentos no braço. A seguir, poz-se o infeliz a correr em demanda do portão para se por em liberdade, sendo que a essas horas já o facto era sa-

bido de todos, correndo em sua perseguição muitos doentes e empregados. Sedento de mais sangue o infeliz demente arremette contra os primeiros que lhe approximam, conseguindo prostrar sem vida Manoel Salathiel Domingues, Francisco Bittencourt, Nicoláo Domenico e Miguel Kosmiak.

Subjugado, foi Manoel de Campos preso a uma camisola de força. Interrogado, foi Manoel de Campos sobre o seu acto, a sua resposta era mais ou menos lucida. Mas, hontem estando lá o delegado dr. J. Ribeiro, que lhe perguntou si se lembrava do que fizera, respondeu que não. Quando lhe disseram que havia morto quatro pessoas e ferido uma, respondeu: — Agora está mesmo morrendo muita gente: meu pae morreu sósinho e estes morreram logo quatro. . .

COMMERCIO DO PARANÁ

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 74)

As duas notícias são sobre o mesmo caso, o trágico incidente no Hospício Nossa Senhora da Luz. A primeira notícia é atribuída ao Diário da Tarde e a segunda ao Commercio do Paraná. Ambas as matérias relatam o mesmo acontecimento: um interno da instituição, chamado Manoel de Campos, teve um surto e assassinou algumas pessoas no hospício. Entretanto, as duas versões divergem entre si.

Na matéria do Diário da Tarde, encontram-se as seguintes informações: Manoel de Campos tem 22 anos; está preso há muito tempo e já não tinha um surto há cinco anos; estava gripado e se sentia exaltado pela febre; o acontecimento se deu às 6h30min; a primeira vítima era um recluso aleijado; o instrumento do crime foi uma das muletas do aleijado; a segunda vítima era o cozinheiro do hospício, que tentou se defender com o braço, mas sem sucesso; o número final de vítimas fatais consistia em quatro pessoas; o fim do incidente aconteceu quando o homem foi subjugado pelos empregados Pandellis Rethis e Paulo Kopff, que o puseram em uma camisa de força.

Já a matéria do Commercio do Paraná apresenta os seguintes elementos: Manoel de Campos é um homem na casa dos 32 anos; está preso há cerca de cinco anos, desde 1913, sem nunca ter tido qualquer surto; ele estava gripado, chegou a ter febre alta e todos os outros sintomas da enfermidade, mas, nos últimos dias, estava em convalescença; o acontecimento se deu pela manhã; a primeira vítima foi o mendigo Paulo Bruquikoski; o instrumento do crime foi uma tranca de madeira; a segunda vítima foi o epilético Bento dos Santos, que não morreu por ter se defendido com o braço, que ficou ferido; o número final de vítimas fatais consistia em quatro pessoas, mas foram nomeadas cinco pessoas, Paulo Bruquikoski, Manoel Salathiel Domingues, Francisco Bittencourt, Nicoláo Domenico e Miguel Kosmiake; o fim do incidente aconteceu quando o homem foi subjugado e preso numa camisola de força.

Como posto anteriormente, a oposição entre Diário da Tarde e Commercio do Paraná é fundamental para a composição de *O mez da gripe*. Ambos dividem as páginas ao longo de toda narrativa. A postura do Commercio é apresentada, desde o início, como duvidosa, enganosa. Assim, o leitor é levado a acreditar que o Diário está mais próximo da verdade dos fatos, dada a sua postura combativa contra a censura e notável interesse em avisar a população do perigo da epidemia. Ao se deparar com essas duas notícias na parte final do livro, todo esse processo de confiar em um jornal e duvidar do outro é embaralhado.

A matéria do Diário da Tarde saiu na segunda-feira, um dia após o acontecimento. Ela é mais curta, escrita em terceira pessoa (padrão do jornalismo moderno visando uma maior objetividade da notícia) e simples; também não cita os nomes das vítimas, apenas dos funcionários que colocaram a camisa de força em Manoel de Campos. Enquanto a matéria do

Commercio do Paraná saiu na terça-feira, dois dias após o ocorrido. Ela é mais longa e possui uma extensa introdução na primeira pessoa, o que demarca uma diferença de linha editorial entre os jornais. Mesmo apresentando marcas de subjetividade, a matéria do Commercio possui algumas características que poderiam lhe fornecer uma credibilidade maior: ela é mais extensa e mais bem detalhada. Não fala os nomes dos funcionários que subjugaram o homem, mas nomeia as vítimas. Apesar disso, há uma incoerência nela, pois a matéria afirma que quatro pessoas foram as vítimas, mas nomeia cinco.

A utilização dessas duas matérias sobre o incidente do hospício extrapola a crítica aos discursos que se apresentam como verdadeiros, capazes de representar a realidade de modo fidedigno, como se o real pudesse ser totalmente traduzido em um texto. Ao utilizar a oposição entre o Diário da Tarde e o Commercio do Paraná, a narrativa cria um falso efeito de verdade, como se o Diário fosse o veículo jornalístico capaz de transmitir a realidade, ao passo que o Commercio seria apenas uma máquina de negação, nem um pouco preocupado com a realidade. A questão da homeopatia, mostrada na figura 10, questiona a integridade do Diário da Tarde, uma vez que explicita a necessidade de anúncios, mesmo que duvidosos, para continuar operando como um jornal. Esse ponto é ainda mais evidenciado na matéria do hospício, na qual cada jornal parece criar sua própria realidade, com o Commercio do Paraná tendo feito, aparentemente, uma notícia minuciosamente mais apurada, apesar da incoerência apontada.

Como discutido anteriormente, a função autoria serve para ordenar a dispersão do discurso, estabilizar o sentido. Por ser uma figura tão cobrada pelo exterior, o autor apara as arestas da contradição, fornecendo coerência para o discurso e, assim, tornando-se credível.

Nesse sentido, pode-se dizer que *O mez da gripe* estabelece uma outra função autoria, que serve para desestabilizar os sentidos, negando qualquer tentativa de compreensão total da narrativa. Ambos os jornais se utilizam da função autoria e isso é mostrado ao leitor durante toda a narrativa. Cada jornal ordena e dá sentido aos discursos presentes em suas páginas. Entretanto, as contradições e insuficiências são explicitadas ao longo do livro, o que faz com que o próprio leitor questione a integridade dos jornais. Esse movimento de desestabilização também está presente nos outros elementos que serão analisados, o que corrobora com o argumento de uma função autoria desestabilizadora na narrativa de Valêncio Xavier.

Como toda função autoria possui um polo correspondente no leitor, o que o livro projeta é um leitor que adote a desestabilização proposta, negando o efeito de verdade presente no discurso jornalístico. Vimos como a narrativa cria uma oposição entre os dois jornais, certo e errado. O leitor é levado a acreditar no Diário da Tarde e problematizar o Commercio do Paraná.

Até que a matéria do hospício rompe essa lógica e o discurso jornalístico passa a ser problematizado como um todo.

Assim, a realidade é representada de acordo com o interesse de cada jornal, desde a seleção das notícias até sua publicação, todo esse processo implica em uma constante filtragem do conteúdo do jornal. Essa filtragem também foi feita na seleção dos trechos dos jornais em *O mez da gripe*, pois em nenhum momento o leitor se depara com uma edição completa do Diário da Tarde ou do Commercio do Paraná. Além disso, a própria veracidade desses trechos é questionável, dado que o autor pode ter feito alterações, como o aviso de censura presente na figura 2, o que deixa em evidência como os discursos são construídos e afetados pela ideologia.

4.3 POESIA E PERVERSÃO

Como citado anteriormente, o livro de Xavier é permeado por diferentes discursos. Dentre eles, está o poético. Embora *O mez da gripe* tenha alguns trechos que servem como poesia, há, nesse emaranhado discursivo, um poema que se destaca dos demais. Esse poema não possui título e suas partes separadas aparecem conforme se avança na narrativa.

Sua relevância está no fato dele se desenvolver nos dois primeiros capítulos, aparecendo com certa recorrência no livro, assim como os jornais opostos e o testemunho de Dona Lúcia, que será analisado no próximo tópico. Há, inclusive, uma junção entre o poema e o testemunho, fator fundamental na construção do livro e de seus efeitos.

A primeira estrofe aparece logo no início do livro e causa certa confusão:

Figura 14 - Primeira estrofe



13

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 13)

A estrofe está ao lado de uma imagem de um homem, o que leva a crer que esse homem é o sujeito lírico do poema, cuja identidade não é revelada, mas que será nomeado aqui de “estuprador”. Também vemos um trecho de jornal noticiando que a paz está interrompida, no caso, o conflito da primeira guerra mundial, mas que serve de aviso para o que está por vir nas páginas seguintes do livro, os males trazidos pela epidemia que se aproxima. Além disso, há a primeira aparição de uma parte do relatório do médico Trajano Reis, indicando o início da epidemia em Curitiba e região. Nesse início, o poeta estuprador começa sua trajetória de perversão caminhando sozinho pela cidade vazia e tomada pela gripe.

Nas duas estrofes seguintes, o estuprador narra sua entrada em uma casa que fora deixada sem chavear, ou seja, estava aberta. Ele não sabe dizer por que entrou na casa, nunca havia estado ali, mas não importa, ele anda pelo corredor, sente-se deslocado e, ao fim do corredor, ele vê alguma coisa.

Entro na casa
a porta sem chavear
alguém que saiu para voltar
e não mais voltou
entrou para sair
e não mais saiu

Não sei porque
entro entrei
nesta casa onde nunca entrei
Pássaro em água estranha
Vagueio pela penumbra do corredor
pela porta entreaberta vejo
(Xavier, 1998, p. 18)

O leitor não sabe bem o que está acontecendo. A leitura fornece a sugestão de que esse homem é um curioso, ou um ladrão, que está se aproveitando da situação para entrar nas casas e satisfazer algum desejo, seja curiosidade ou roubo.

A quarta estrofe, no entanto, anuncia o que vai acontecer. Após andar pelo corredor da casa e observar a porta entreaberta, ele vê e descreve um corpo feminino. Logo no início da descrição, há uma comparação entre a mulher e um cavalo, o que deixa em evidência como o estuprador não possui qualquer empatia pela mulher, apenas o interesse em descrever suas características físicas que lhe chamam a atenção.

Mãos grandes como de cavalo.
A direita assentada sobre o lento respirar do seio rijo.
A esquerda, a da aliança por sobre o lençol branco
branco braço nú, parca seara de louros pelos
(Xavier, 1998, p. 23)

Nas estrofes seguintes, suas intenções ficam mais claras. O estuprador revela ter curiosidade sobre o restante do corpo da mulher, além de ter a intenção de se aproximar dele para desnudá-lo e conhecê-lo.

Os olhos costurados pela febre
loura linha
a mesma que tece seus cabelos
(Xavier, 1998, p. 25)

Cabelos de vassoura
mais macios, meus dedos dizem
Amarelos
Ao levantar o branco lençol

adivinharei os outros pelos
?
(Xavier, 1998, p. 27)

O estuprador não se importa com o estado da mulher, doente e inerte. Ele próprio fornece a informação sobre a doença, que ignora completamente. O verso “Os olhos costurados pela febre” aponta para a gravidade da situação, pois a febre devia estar tão alta que afetava diretamente o comportamento de seus olhos, fechados de uma maneira característica dos enfermos nesse estado.

A sétima estrofe continua mostrando a curiosidade do estuprador quanto ao restante do corpo da mulher, principalmente seu órgão genital. Ele imagina o que encontrará quando retirar o lençol que a cobre.

buço parco louro
encima lábios rubros do calor da febre
ao levantar o branco lençol
encontrarei outros pelos louros
cercando rubros lábios
(Xavier, 1998, p. 30)

Nas próximas estrofes, o estuprador descreve em detalhes o corpo desnudo, mais precisamente o órgão genital feminino, como mostrado abaixo:

No monte de vênus
parca loura penugem
- como pelo de pecego -
margeando os lábios rubros do amor
- fenda
virgem para mim
advinhada por mim
(Xavier, 1998, p. 32)

Fina loura linha
não de tecer
mas louro novelo
ninho para o pássaro
asas da minha mão
(Xavier, 1998, p. 39)

Nas outras mulheres
que conheci na cama
preta mata cerrada
escondendo o sulco
muitas vezes arado
(Xavier, 1998, p. 41)

Ou então,
as de pouco pelo (negro)
que conheci
ofereciam lesmas escuras
que mesmo penduradas
da carne faziam parte
(Xavier, 1998, p. 43)

Nada assemelhado a isso
fenda estreita oferecida como
lábios da febre
pequeno regato de
morna ácida água
onde vibram mil peixes
(Xavier, 1998, p. 44)

O monte de vênus significa a região em que os pelos pubianos estão concentrados, descrito, pelo estuprador, como loiro e escasso. Os pequenos lábios são chamados de “lábios rubros do amor”, e a fenda a qual ele se refere é o espaço entre os pequenos lábios. O estuprador se enxerga como um explorador, descobrindo aquele corpo que, segundo ele, esperava a sua chegada. Há ainda um senso de excepcionalidade quando ele começa a comparar o órgão genital da mulher com os de outras mulheres que ele viu, como se o órgão genital dela fosse diferente das demais, um tesouro único e descoberto por ele, o estuprador.

Ele externaliza sua vontade de possuir o órgão genital da mulher debilitada:

Estou de pé ao pé da cama
o traço de sua fenda do amor fica horizontal
em relação a mim, como se os lábios fossem sua boca
onde encosto meus lábios.
(Xavier, 1998, p. 47)

Mesmo na imobilidade da febre
suas coxas se entreabrem lentas
como a pedir que eu penetre sua gruta
com minha língua de sangue em chamas
(Xavier, 1998, p. 48)

O estuprador está próximo da cama e se posiciona de maneira perpendicular à mulher. Por isso o trecho “o traço de sua fenda do amor fica horizontal”, uma vez que o espaço entre os pequenos lábios está na horizontal em relação a ele.

Do ponto de vista do estuprador, as coxas da mulher “se entreabrem lentas”, o que indica o severo grau de sua debilidade e uma possível tentativa de afastá-lo, fato mais uma vez ignorado por ele, que entende como um convite, dado o trecho seguinte “como a pedir que eu

penetre sua gruta”. Em nenhum momento o estuprador parece ter dúvidas sobre a vontade da mulher. Ele reconhece seu estado febril, sabe que ela está praticamente imóvel e interpreta um movimento de pernas como um convite para o ato sexual.

Nas estrofes seguintes, o estuprador perde suas amarras e decide deixar de externalizar o ato para consumi-lo. Além disso, as respostas do corpo da mulher ao seu movimento também são registradas.

Faço isso
Somente depois é que meus lábios
minhas mãos
percorrerão, precorreram
outras partes de seu corpo:
a boca rubra febre,
os cabelos, o bico róseo dos seios,
(Xavier, 1998, p. 52)

os olhos agora semicerrados, a parte
interna das coxas, novamente o bico
dos seios agora também todo o seio
branco talhado enche minha boca
(Xavier, 1998, p. 54)

a suave curva do ventre e
meus dedos percorrem trêmulos a
copa de seus pentelhos, sugo seu
pescoço: uma mancha vermelha que depois
será roxa, suas mãos os dedos se erguendo
com meu forte apertar,
novamente a fonte do amor.
(Xavier, 1998, p. 55)

Mais uma vez os sintomas da doença são notados, no caso, a coloração da boca alterada pela febre. O estuprador percebe que os olhos da mulher estão semicerrados, ela sabe o que está acontecendo, tanto que movimentou suas pernas para afastá-lo, como vimos no trecho anterior. Nada disso adianta, pelo contrário, esse estado causado pela enfermidade parece excitá-lo ainda mais. A incapacidade interpretativa continua quando ele afirma ter sugado o seu pescoço. A mulher ergueu os seus dedos como se estivesse sentindo dor e tentasse fazer alguma coisa para acabar com esse sofrimento. Para o estuprador, esse ato da mulher é mais uma demonstração de amor.

Figura 15 - O homem aparece novamente



Ela geme baixinho, não mais de febre
agora de gôzo?
Gôzo e no auge do gôzo tento
abraçar todo seu corpo que se
me escapa e tenho nas mãos
como um pássaro peixe

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 56)

A figura do homem aparece novamente. Assim como a mostrada anteriormente, nessa ele também está próximo de uma estrofe do poema, o que reforça a ideia de ser ele o estuprador. Segundo ele, a mulher está gemendo baixinho e esse gemido não seria causado pela febre, mas pelo prazer. Na estrofe anterior, ficou claro que a mulher estava sentindo dor, completamente desconfortável pela situação de enferma e vítima do estuprador. Portanto, ele continua com a sua percepção equivocada da realidade.

Nada mais me importa agora
nem a mancha do gôzo em minha calça
Nem o paletó cheguei a tirar
O marido?
tosse que ecoa por toda a casa
saio pela porta sem chavear
sem a volta da chave na fechadura
saio sem me voltar ao menos
(Xavier, 1998, p. 61)

O estuprador atingiu o orgasmo completamente vestido, sem ao menos tocar em seu órgão sexual, manchando sua calça (“nem a mancha do gôzo em minha calça/ Nem o paletó cheguei a tirar”). Apesar disso, o que chama mais atenção nessa estrofe é a existência do marido,

que parece agonizar em outro cômodo da casa. Em nenhuma das estrofes anteriores, o marido foi citado pelo estuprador. O que foi mostrado no poema foi a sua entrada na casa, a andança pelo corredor, a vista da mulher pela porta entreaberta e sua presença no quarto com a vítima. Ele rapidamente identificou o homem pela tosse alta, considerando-o o marido, conhecimento que não o impediu de cometer o estupro. Ao fim do ato, ele sai da casa do mesmo jeito que entrou, sem trancar a porta, sem chaveá-la.

Figura 16 - O final



Mas sempre terei diante de mim
a visão de eu abrindo a porta
a casa vazia, seu corpo de loura plumagem
Sem me voltar, sem voltar
diante de mim a cidade vazia, silenciosa
nestes dias da gripe
ninguém me viu nem me verá

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 66)

Essa é a última estrofe, mais uma com a presença da figura do homem. O estuprador demonstra seu desprezo pelas obrigações sociais, além de não exprimir um remorso mínimo pelos seus atos. Tudo o que aconteceu é uma bela recordação para ele, que demonstra ser um sociopata. Ele relata a memória de quando chegou na casa e viu o corpo de loura plumagem da mulher, animalizando-a novamente.

Ele também confessa não ter medo de ser visto ou descoberto. A cidade estava vazia, totalmente silenciosa “nestes dias de gripe”, ou seja, um terreno perfeito para as ações do estuprador. A doença deve ter tomado a cidade de tal jeito, que a vigilância era insuficiente para esses crimes de invasão.

Sobre a figura que está próxima de alguns poemas, trata-se de um homem que está no anúncio de um produto chamado “O Elixir de Nogueira”. Segundo Barreiros (2003, p. 114)

O Elixir de Nogueira provavelmente era grande anunciante dos jornais – e, décadas depois, forneceu a Valêncio Xavier o personagem principal de O meiz da gripe. Sim, o homem de bigodes, que se tornou personagem do livro, o estuprador desenhado na capa da obra saiu de um anúncio do Elixir.

O homem é identificado como Tiburcio Barbosa de Almeida, morador de Camamu, Bahia. Ou seja, toda a assimilação entre figura e poema feita por Xavier não passa de uma montagem.

O estuprador cria a sua própria percepção da realidade em seu poema. O leitor percebe como tudo está distorcido, como aquela figura é incapaz de interpretar a real situação, incapaz de sentir o peso de seus atos.

A utilização desse personagem é mais um exemplo de como a realidade é construída pelos discursos. Vemos a narrativa desse personagem e não sabemos se ele de fato existiu ou se é apenas uma fabricação do autor. Ambos os jornais mostrados anteriormente são reais, entretanto, o que nos é mostrado constitui um recorte selecionado por Xavier para montar sua narrativa. Os efeitos de tal montagem ficam em evidência, pois, como foi evidenciado, o que se viu são posições diferentes perante uma mesma situação, a epidemia de gripe espanhola em Curitiba e região. O poema, embora não seja um artefato do discurso jornalístico, é fundamental para entender a complexidade dos eventos históricos, uma vez que esses eventos são construídos por variados discursos, o que impossibilita qualquer tentativa de compreensão do todo. Por isso a utilização de um personagem tão à margem, um estuprador que não apareceu em nenhuma das manchetes que acompanhamos, mas que constrói o seu discurso poético sobre a epidemia.

4.4 UM FALSO DEPOIMENTO?

O depoimento de Dona Lúcia, assim como os dois jornais, aparece ao longo dos três capítulos do livro, o que mostra sua importância para a construção da narrativa de Xavier. Além disso, ela e o estuprador são os personagens com maior destaque na narrativa. Em um determinado momento, os relatos de ambos acabam se cruzando, criando mais um efeito de complexidade interpretativa do livro.

Pela alta quantidade de trechos do depoimento, optamos por utilizar em nossa análise os trechos que se cruzam com o poema do estuprador. O depoimento de Dona Lúcia muitas vezes contradiz outros trechos do livro, como algumas das páginas dos jornais. Por isso, ao fazer essa seleção, os trechos escolhidos continuam com sua tarefa de contraponto, mantendo, portanto, sua função.

O primeiro trecho do depoimento que aborda o suposto casal do poema do estuprador logo chama a atenção:

Figura 17 - O casal no depoimento



Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 43)

O depoimento de Dona Lúcia fala sobre um casal de alemães. Essa informação não consta no poema do estuprador, mas a descrição da mulher parece muito com a da vítima. Também é falado o nome da mulher, Clara. Além disso, o casal ficou em quartos separados, o que corrobora com o poema. Entretanto, o que chama a atenção é a foto acima do depoimento. A foto mostra uma rua, algumas casas e um bonde. É possível ler que se trata do bairro Batel, em Curitiba. Essa foto é repetida, tendo aparecido algumas páginas antes, como se observa na figura abaixo:

Figura 18 - Uma estranha coincidência



Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 18)

A imagem aparece entre a segunda e terceira estrofe do poema do estuprador. Ambas as estrofes narram a entrada dele na casa. Por estar entre as estrofes, a imagem serve como ponto de localização para o leitor, como se ele estivesse observando a entrada do criminoso na casa. Isso também serve para o depoimento de Dona Lúcia, ou seja, estamos acompanhando a mesma casa e as mesmas pessoas, porém a versão agora é contada por outra pessoa, com um discurso totalmente diferente do poema do estuprador.

Sobre o estado da saúde do casal, Dona Lúcia afirma: “... Não, não estavam mortos, não, mas quase. Tiveram que levar os dois para o hospital.” (Xavier, 1998, p. 47). A gravidade do estado de saúde de ambos corresponde ao estado débil da mulher descrita pelo estuprador. Apesar de ele não ter feito uma descrição minuciosa do marido, em um verso mostrado anteriormente ele comenta sobre a tosse que ecoava na casa toda.

O depoimento continua: “Não sei bem no que o marido trabalhava, acho que era dono de alguma coisa. Eles quase não falavam com os vizinhos. O marido passava fora o dia inteiro.” (Xavier, 1998, p. 52). O depoimento presente na figura 17 também comenta sobre o fato de o casal ser bastante fechado em sua intimidade. Essa característica explica a crítica situação em que se encontravam, contaminados e agonizando sozinhos em casa.

O próximo trecho do depoimento é acompanhado por uma estrofe do poema do estuprador e por uma propaganda inusitada, como mostra a imagem abaixo:

Figura 19 - As três mulheres



Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 54)

Todos os elementos da página convergem para o físico da mulher. O poema tem seu foco nos seios brancos da mulher e a propaganda é sobre um produto que desenvolve e fortalece os seios. O depoimento repete algumas características físicas da mulher já citadas anteriormente e acrescenta outras, como o fato dela ser muito branca e ter um cabelo comprido e brilhante.

Na figura 16, temos a última estrofe do poema e acima está a imagem utilizada para representar o estuprador. Entretanto, logo abaixo da estrofe está esse trecho do depoimento:

Ela, a mulher, nunca mais ficou com o juízo perfeito. Passava uns tempos boa, teve até um filho, criança linda. De repente, dava assim como uma tristeza nela, saía a andar sozinha pelas ruas, sempre com um vidrinho de veneno nas mãos. Nunca largava do veneno, mesmo quando estava normal, alegre com o marido e o filho... (Xavier, 1998, p. 66)

Algumas páginas depois, está o trecho que parece fechar a história da mulher: "... até que, um dia, tomou o veneno na rua, morreu, acharam ela já morta. Foi muito tempo depois, acho que foi lá por 30." (Xavier, 1998, p. 75). Dona Lúcia afirma que Clara nunca se recuperou da doença, ficando com o juízo abalado e andando com um vidrinho de veneno nas mãos. Teve um filho, tentou seguir com a vida, mas o veneno nunca saía de suas mãos. Até que um dia ela tomou o conteúdo do frasco e foi encontrada morta.

O leitor sabe que a situação de Clara é muito pior. Ela foi vítima de um maníaco, viveu o horror da epidemia e do estuprador em sua casa. Com o depoimento de Dona Lúcia, a história de Clara parecia ter se fechado, um final trágico para a mulher que acompanhamos pelo contar de dois personagens, até que nos deparamos com a seguinte imagem:

Figura 20 - Missa 1



“Moça bonita, solteira. Morreu na gripe. Não resistiu a febre forte. Muito branca, alta, cabelo loiro bem comprido. Morreu na gripe.”

DONA LÚCIA – 1976

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 75)

É possível ver um anúncio sobre a missa de falecimento de Clara Margareth Heisler, o mesmo primeiro nome da mulher do depoimento de Dona Lúcia. O nome do marido é inédito, identificado por Germano Heisler. Abaixo está mais um trecho do depoimento. As características da mulher são as mesmas dos outros trechos, entretanto, agora ficamos sabendo que ela morreu na gripe e que era solteira, fato que contradiz os outros trechos do depoimento.

O conteúdo é ainda mais intrigante na página seguinte:

Figura 21 - Missa 2

“Não, ela morreu na gripe. O marido se salvou, mas ela morreu. Vi o corpo, bonita, muito branca, cabelo branco de tão loiro, mortalha branca.”

DONA LÚCIA – 1976



“Não, na época ela não era casada. Moça bonita, solteira. Muito branca, loira. Casou, teve filhos, mas nunca mais ficou certa da cabeça. Tinha períodos de lucidez, casou depois da gripe, teve filhos, mas nunca mais ficou certa da cabeça.”

DONA LÚCIA – 1976

Fonte: Xavier, Valêncio (1998, p. 76)

O primeiro depoimento da página logo contradiz o anterior. A mulher morreu na epidemia, mas agora voltou a ser casada. O marido sobreviveu e as características dela voltam a ser repetidas, porém com uma pequena mudança. Seu cabelo, de tão loiro, parecia ser branco.

No meio da página está mais um anúncio da missa de falecimento de Clara Margareth Heisler. O nome de seu marido é o mesmo, mas agora eles possuem filhos, no plural. Abaixo está o último depoimento da narrativa. Nele, a mulher não era casada na época da epidemia, as características físicas são as mesmas e, assim como os depoimentos “originais”, ela nunca se recuperou mentalmente. Posteriormente ela se casou e teve filhos, como o anúncio acima.

Ao fim dos depoimentos, o leitor não consegue ter certeza de nada. Tudo parecia caminhar para um fechamento sólido, mas esses últimos depoimentos impossibilitaram isso, deixando a história da mulher em aberto para o leitor.

Como exposto anteriormente, o jornalismo se utiliza de técnicas que possibilitam uma maior credibilidade na organização da realidade. Entre elas, está o depoimento, que parte de fontes que supostamente possuem alguma ligação com o assunto que está sendo tratado. Além disso, o uso de declaração textual entre aspas confere certa credibilidade. “O discurso direto (...) produz um efeito de sentido de verdade. O leitor ou o ouvinte tem a impressão de quem cita preservou a integridade do discurso citado e de que, portanto, é autêntico o que ele reproduziu” (Fiorin, 2000 *apud* Barreiros, 2003, p. 67).

As declarações de Dona Lúcia criam esse efeito de verdade. O leitor acredita no que está sendo contado. O poema do estuprador é carregado de dúvidas, mas, ao testemunhar o relato de Dona Lúcia, o poema é validado como verdadeiro na narrativa, até se deparar com os últimos trechos, que retiram esse efeito para o leitor.

Diferentemente dos jornais opostos, esse depoimento foi construído pelo autor. Dona Lúcia é uma pessoa real, mãe de um amigo de Xavier, mas seu nome é outro (Barreiros, 2003, p. 115). Não é possível saber o que é real e o que não é. Tudo indica que ela de fato viveu a epidemia em Curitiba, entretanto, seu relato é direcionado para certa direção, até que se perde ao cair em contradição. Por isso a postura de tratá-lo como construído pelo autor, pois é ele quem dá o direcionamento na narrativa.

Ao utilizar um relato falho, a narrativa mais uma vez problematiza a fragilidade dos discursos que se apresentam como verdadeiros. Por ser um depoimento jornalístico, o que se apreende é a fragilidade do discurso jornalístico, que se baseia em variados sujeitos do discurso de diferentes formações discursivas. Os depoimentos de Dona Lúcia, por exemplo, datam de 1976. A epidemia de gripe espanhola aconteceu em 1918, ou seja, 58 anos de diferença. Muitos são os fatores capazes de interferir e, conseqüentemente, tirar a credibilidade de tal depoimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo mostrar como o discurso jornalístico é problematizado pelo livro *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier.

Para isso, a metodologia escolhida foi a Análise do Discurso, pois seus conceitos, alinhados com a narrativa de Xavier, possibilitaram um pensar em conjunto, apontando para uma crítica contundente do discurso jornalístico, a saber, sua tentativa de organizar a realidade, criando, assim, um efeito de verdade. Ao analisar os elementos do livro, percebemos como a narrativa de Xavier se apropria de elementos do discurso jornalístico e os ressignifica, transformando-os na própria crítica.

Como contraponto, desenvolvemos, também na análise, o discurso jornalístico. Entre seus pilares, o principal é a questão da verdade, pois é nele em que a atividade jornalística se apoia. Para tal, contrapomos dois pensadores do jornalismo, Ciro Marcondes Filho e Adelmo Genro Filho, para, em suas diferenças, buscarmos a compreensão do efeito de verdade como essencial para a manutenção do discurso jornalístico.

Os elementos do livro que passam pela análise são três: os jornais opostos; o poema do estuprador; e o depoimento de Dona Lúcia. Assim, ao longo da análise, acompanhamos o labirinto fragmentário de *O mez da gripe*, buscando adentrar nesses discursos para extrair o elemento crítico central para a constituição deste trabalho.

Na análise dos dois jornais, por exemplo, vemos como *O mez da gripe* modifica a função autoria, retirando sua função estabilizadora e criando uma função desestabilizadora. Com isso, a capacidade de compreensão da narrativa como um acontecimento real é retirada do leitor, que precisa se contentar com as contradições.

O poema do estuprador, embora não pertencendo ao discurso jornalístico, também problematiza o efeito de verdade. Vemos uma visão completamente distorcida da realidade, problemática, contada por um sociopata. O que reforça a ideia de fragilidade na representação da realidade, fato também apontado pela Análise de Discurso, que demonstra as dificuldades presentes no processo discursivo.

O depoimento de Dona Lúcia, a princípio, confere credibilidade ao relato do estuprador. Evidente que suas distorções não são consideradas, mas sim suas ações, ou seja, seu crime. Dona Lúcia constrói o relato da vítima do estuprador, fato corroborado com a descrição de algumas características similares ao poema, assim como a utilização da mesma imagem para demarcar o local. Entretanto, toda essa construção é problematizada nos últimos trechos do

depoimento, impossibilitando todo o restante. O que fecha a crítica ao discurso jornalístico elaborada em *O mez da gripe*.

Como antes destacado, o foco da Análise do Discurso não está no texto, este que é a unidade que permite ter acesso ao discurso. Assim, ao analisarmos aspectos da narrativa de *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier, nossa preocupação não foi a linguagem da obra e o detalhamento de seus elementos literários. O foco esteve em compreender como um discurso jornalístico é retrabalhado na obra, transformado, através do meio, em outra materialidade discursiva, com outros significados e outras intenções, produzindo, assim, novos sentidos. Assim como a Análise do Discurso nos mostra que o sentido de um discurso é variável, sempre podendo ser outro que não original, Xavier permite que os leitores confrontem as contradições do discurso jornalístico, permitindo-os até mesmo questionar as condições de produção destes discursos e suas pretensões de verdade.

Portanto, podemos dizer que, em seus mecanismos narrativos, *O mez da gripe* aponta para uma crítica contundente do discurso jornalístico, evidenciando suas fragilidades e destruindo qualquer tentativa de apreensão da narrativa. Tal crítica é mobilizada através da utilização e esgotamento de objetos desse discurso, o que ocasiona uma série de relatos divergentes. Ao analisarmos quatro discursos diferentes (os dois jornais, o poema e o depoimento), percebemos como eles são postos em confrontação, criando um movimento de dúvida e anulação entre eles. Ao final, o leitor não tem certeza de nada.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença; Martins Fontes, 1980.
- BARREIROS, Tomás Eon. **Jornalismo e construção a realidade**: análise de *O mez da gripe* como paródia crítica do jornalismo. Curitiba: Pós-escrito, 2003.
- GADET, Françoise (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1989.
- LINS, Osman. **A Rainha dos Cárceres da Grécia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MARCONDES FILHOS, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- NEVES, Lígia de Amorim. Um estudo sobre a escrita literária de Valêncio Xavier. **Acta Sci. Human Soc. Sci.**, Maringá, v. 28, n. 1, p. 37-46, 2006.
- ORLANDI, Eni P. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes editores, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, P [et. al...]. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 2007. 49-57.
- ROBBE-GRILLET, Alain. **Por um novo romance**. São Paulo: Editora Documentos, 1969.
- SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Uma ideologia estética e sua história: o Naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- XAVIER, Valêncio. **O mez da gripe e outros livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.